



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Um salto da esfera interpessoal para o mundo laboral: Modelo do Investimento de *Rusbult* aplicado às Relações e ao Trabalho, Atitudes Face à Infidelidade e a Infidelidade Objetiva

Ana Filipa Barros Salvador

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, Professor Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2017



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Um salto da esfera interpessoal para o mundo laboral: Modelo do Investimento de *Rusbult* aplicado às Relações e ao Trabalho, Atitudes Face à Infidelidade e Infidelidade Objetiva

Ana Filipa Barros Salvador

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, Professor Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2017

Agradecimentos

“Deus não escolhe os capacitados capacita os escolhidos. Fazer ou não fazer algo só depende de nossa vontade e perseverança”

Albert Einstein

Ter alcançado esta grande etapa da minha vida mostrou-me o quão importantes são as pessoas que me rodeiam, em concreto, o papel de cada uma dessas no decurso da realização desta Dissertação que se reflete num marco histórico da minha vida. Jamais esquecerei o esforço e tempo investidos ao longo de vários meses.

Em primeiro lugar e acima de tudo, a Deus que neste caminho árduo me deu sabedoria e ânimo para percorrer um caminho nada fácil, mas mais tranquilo com ele do meu lado. Por me ter colocado as pessoas certas na minha vida, as quais contribuíram em muito na elaboração deste trabalho. Desta forma, os meus sinceros agradecimentos:

Aos meus queridos pais, por todos os valores que me ensinaram. Por me terem dado liberdade de escolha no curso que optei para a minha vida. De coração cheio quero vos agradecer por me terem dado tudo sem nunca me ter faltado nada. De entre muitas vitórias que ainda virão, esta não seria obtida sem o vosso apoio. De alguma forma que a conclusão deste ciclo de estudos seja sinónimo da vossa confiança educacional.

Aos meus irmãos, Pedro e Paulo, obrigada por sermos unidos, e que esta união perdure para sempre. Sei que a nossa amizade jamais terá um fim, vocês são o ponto de equilíbrio da minha existência. Obrigada por serem meus irmãos!

Um especial obrigada ao meu namorado, Ricardo, pelo apoio incondicional, paciência, ajuda e creditação demonstrada. Sinto-me agradecida por te ter conhecido, e hoje ter o privilégio de fechar mais um capítulo da minha vida contigo. Agradeço também à sua família, pela sua compreensão, carinho e apoio prestado desde que os conheço.

Ao meu orientador e Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, a sua recetividade e disponibilidade na construção do meu sucesso académico. Agradeço o conhecimento que transmitiu. Por todas as correções necessárias, por forma a alcançar o melhor de mim neste trabalho.

A todos os familiares e amigos, sem exceção, por acreditarem em mim e de alguma forma me incentivarem a continuar neste caminho, sem nunca desistir. Não faço distinção de nenhum de vocês, e por isso não vou referir nomes. Vocês sabem o papel que tiveram neste processo de aprendizagem.

Resumo

A finalidade deste estudo foi explorar a existência de um *match* (equilíbrio) ou *mismatch* (desequilíbrio) entre a forma como os indivíduos se posicionam nas suas relações e a forma como se posicionam ao nível do trabalho, nas dimensões do Modelo do Investimento de Rusbult (IMS-S; 1980, 1983; IMS; Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983). Por sua vez, em que medida a existência de *match* ou *mismatch* tem implicações ao nível das disposições dos indivíduos face à infidelidade e no seu envolvimento extra-diádico real. Os participantes estavam envolvidos romanticamente, de orientação heterossexual e tinham uma atividade profissional (N=273; 237 mulheres, 36 homens; $M_{idade}=32.18$; $DP = 8.95$). Os resultados mostraram que os indivíduos tendem a expressar nas suas relações a Satisfação e o Compromisso. Por outro lado, colocam a Qualidade percebida de Alternativas e do Tamanho do Investimento nos seus empregos. Existindo assim um *mismatch* nos dois domínios das vidas dos participantes. Os indivíduos que tinham em linha de conta alternativas às suas relações, expressam disposições menos negativas acerca do envolvimento extra-diádico. Ao passo que os que perceberam outras ofertas aos seus empregos, revelaram atitudes mais negativas em relação à infidelidade. Para os indivíduos que percebem potenciais qualidades das alternativas aos seus empregos e às relações, a maioria relatou não se ter envolvido extra-conjugalmente. Ainda que em minoria, alguns parceiros revelaram ter sido infiéis perante as alternativas existentes aos seus empregos e relações amorosas. Não foram encontradas diferenças de acordo com as restantes dimensões do IMS-S e IMS (i.e., Satisfação, Tamanho do Investimento e nível de Compromisso). Empiricamente, os resultados sugerem, o trabalho tem uma elevada importância nas vidas dos indivíduos. Ao passo que, uma avaliação de aceitação da infidelidade está relacionada com a propensão para um possível envolvimento extra-diádico.

Palavras-Chave: Modelo do Investimento de Rusbult nas Relações; Modelo do Investimento de Rusbult no Trabalho; Compromisso nas Relações; Compromisso no Trabalho; Atitudes Face à Infidelidade; Infidelidade Objetiva

Abstract

The main goal of this study was to explore if there was a match or a mismatch between the way where the subjects are in their relationships and the way that they are in their workplace following the Rusbult's Investment Model dimensions (IMS-S; 1980, 1983; IMS; Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983). Consequently, if the existence of match or mismatch has implications on the dispositions of individuals facing infidelity, and in other hand, check their engagement on a real extra-dyadic relationship. The participants were romantically involved in a heterosexual relationship and had a professional activity (N=273; 237 women, 36 men; $M_{age}=32.18$; $SD = 8.95$). The results have showed that the subjects have the tendency to express in their relationships the Satisfaction and the Engagement. Although, they lay emphasis on the quality of available alternatives, and investment size at their workplaces. With those analyzes we can conclude the existence of a mismatch between romantic relationships and the labor domain. Afterwards the subjects that were willing new alternatives beyond their relationships, evidence less negative attitudes of infidelity. The majority of the subjects that have the tendency to see alternative qualities in their relationships and their jobs, have reported that were not unfaithful. In other hand, we could check that was a minority that reported, with the same tendencies, had an extra-dyadic behaviour. Were not found differences in the remaining dimensions of the IMS-S and IMS (i.e., Satisfaction, Investment Size and Commitment). Empirically, the results suggest that the job has a high importance in the subjects life. Also, an unfaithful acceptance is related with an involvement with other partner, outside of the current relationship.

Key-words: Rusbult's Investment Model of Relationships; Rusbult's Investment Model of Job; Relationship Commitment; Job Commitment; Attitudes Toward Infidelity; Real Infidelity

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	ii
Abstract	iv
Enquadramento Teórico	3
Articulação da Esfera do Trabalho com a Esfera das Relações Românticas.....	3
<i>O caso de Portugal.</i>	4
Relação entre a Esfera Laboral e a Esfera Relacional Amorosa.....	5
Compromisso	6
<i>Compromisso nas relações românticas.</i>	7
<i>Compromisso com o trabalho.</i>	12
Atitudes e Comportamentos Face à Infidelidade	13
Problema de Investigação	16
Objetivos	16
Método	18
Participantes.....	19
Medidas.....	21
Caracterização sociodemográfica.	21
Escala do modelo do investimento de Rusbult (IMS-S).....	22
Escala do modelo do investimento variante do domínio do trabalho (IMS).	23
Escala de atitudes face à infidelidade (ATIS).....	25
Procedimento	26
Resultados	27
Estatísticas Descritivas das Escalas e Correlações entre as Dimensões dos Modelos, Atitudes Face à Infidelidade, Infidelidade Objetiva e variáveis sociodemográficas	28
Correlações entre as Dimensões dos Modelos e variáveis sociodemográficas.....	30
Regressão Linear Múltipla: Explicação da variável critério Atitudes Face à Infidelidade através das dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho, e variáveis sociodemográficas	31
Regressão Logística Binária: Associação entre as variáveis exógenas (sociodemográficas e as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho) e a variável endógena Infidelidade Objetiva.....	33
Estatísticas Descritivas entre as categorias do novo Indicador.....	36

Análise de Variância Univariada	37
Associação das Dimensões <i>Match/Mismatch</i> e a Infidelidade Objetiva	38
Discussão	40
Referências Bibliográficas	48
Anexos	57
Anexo A – Questões relativas às características Sociodemográficas	58
Anexo B – Escala do Modelo do Investimento de Rusbult nas Relações (IMS-S).....	61
Anexo C – Escala do Modelo do Investimento de Rusbult no Trabalho (IMS).....	62
Anexo D – Escala das Atitudes Face à Infidelidade (ATIS)	64
Anexo E - Estatísticas Descritivas da Recodificação do Indicador.....	65
Anexo F - Análise de Variância para as Atitudes Face à Infidelidade em função das categorias do novo indicador	66

Índice de Quadros

Quadro 1. <i>Características Descritivas da Amostra</i>	20
Quadro 2. <i>Consistência interna da escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações (IMS-S)</i>	23
Quadro 3. <i>Propriedades Psicométricas da escala do Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho (IMS)</i>	25
Quadro 4. <i>Propriedades Psicométricas da escala Atitudes Face à Infidelidade (ATIS)</i>	26
Quadro 5. <i>Estatísticas Descritivas das Dimensões dos Modelos e Variáveis Dependentes e Correlações entre as Dimensões e as Variáveis Dependentes (r pearson, χ^2 qui-quadrado e, ρ rho spearman e significância)</i>	28
Quadro 6. <i>Correlações entre as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho e as variáveis sociodemográficas (r pearson, χ^2 qui-quadrado, ρ rho spearman e significância)</i>	30
Quadro 7. <i>Coefficientes de Regressão Estandarizados (β) na explicação das Atitudes Face à Infidelidade</i>	32
Quadro 8. <i>Regressão Logística Hierárquica para a Infidelidade Objetiva - fatores determinantes (valores não estandarizados)</i>	35
Quadro 9. <i>Comparação de Médias realizado através do teste t</i>	37
Quadro 10. <i>Leitura da Medida de Associação (Teste Qui-Quadrado) entre Dimensões Match/Mismatch e Infidelidade Objetiva</i>	38

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Modelo do Investimento de Rusbult (traduzido e adaptado de Rusbult et al., 1998)</i>	11
Figura 2. <i>Ilustração do Posicionamento dos Indivíduos para um Match entre a Esfera Amorosa e do Trabalho</i>	18
Figura 3. <i>Ilustração do Posicionamento dos Indivíduos para um Mismatch entre a Esfera Amorosa e do Trabalho</i>	18

Introdução

O aumento do número de mulheres no mercado de trabalho (Álvarez & Miles, 2003; Chinchilla, Las Heras, & Torres 2009; Dulk & Peper, 2007; Somech & Drach-Zahavy, 2007), e por sua vez, a obtenção salarial¹ do casal (Chinchilla et al., 2009; Dulk & Peper, 2007; Somech & Drach-Zahavy, 2007; Vieira, Lopez, & Matos, 2014) desafiaram os indivíduos a enfrentarem a articulação entre a esfera laboral² e a esfera familiar³ (Dulk & Peper, 2007; Somech & Drach-Zahavy, 2007; Vieira et al., 2014). Esta realidade levou os investigadores a analisarem a mútua dependência entre estes dois domínios da vida dos indivíduos (Clark, 2000; Greenhaus & Singh, 2004).

Assim, esta articulação entre as esferas será o foco atual do presente estudo. Pretende-se aplicar o Modelo do Investimento de Rusbult (1980, 1983) aplicado às Relações Amorosas e a sua variante aplicada ao Trabalho (1981; 1983). Pretende-se, igualmente, perceber de que modo o facto de haver um *match* ou *mismatch* entre estes dois domínios pode ter impacto em outros fenómenos, em concreto: os pensamentos e os sentimentos que os indivíduos fazem acerca de questões relativas à infidelidade, por um lado, e o seu envolvimento extra-diádico, por outro.

As esferas familiar e laboral têm sido foco de atenção no século XX. As alterações da sociedade surgidas sobretudo a partir da década de 60 requererem diversas soluções, no sentido de um maior equilíbrio entre estes dois domínios da vida do indivíduo (Maciel, Marques, & Torres, 2008). Falamos de equilíbrio entre o domínio do trabalho e o familiar quando a envolvimento e a satisfação dos sujeitos são iguais em ambas as esferas (Greenhaus & Singh, 2004). Um significativo aumento de adesão, por parte do sexo masculino, à esfera familiar (Álvarez & Miles, 2003), conduziu à rutura parcial da diferença de papéis tradicionais entre as duas esferas e à complementaridade das tarefas adjudicadas a cada um dos parceiros (Álvarez & Miles, 2003; Torres, 2004).

¹ O termo utilizado para referir casais em que ambos os sexos exercem uma atividade profissional e auferem um salário é *dual-income couples* (Raley, Mattingly, & Bianchi, 2006), *dual-earning/earner families* (Adema & Whiteford, 2008; Crompton, Lewis, & Lyonette, 2007; Eby, Casper, Lockwood, Bordeaux, & Brinley, 2005; Gareis, Barnett, & Brennan, 2003; Barnett & Hyde, 2001; Frone, 2003; Fontaine, Andrade, Matias, Gato, & Mendonça, 2007; Gerson, 2009; Moen & Sweet, 2004; Somech & Drach-Zahavy, 2007; Vieira et al., 2014), ou, ainda *dual-income households* (Chinchilla et al., 2009; Dulk & Peper, 2007; Fontaine et al., 2007).

² O termo trabalho, aqui designado por esfera laboral, é utilizado para se referir aos indivíduos que desempenham funções remuneradas (Eby et al., 2005; Kabanoff, 1980; Torres, 2004) numa organização (Kabanoff, 1980).

³ O conceito de família referido abarca relacionamentos entre os indivíduos (i.e., maternos, paternos, de fraternização e de intimidade; Cunha, 1998; Greenhaus & Singh, 2004) e este termo designa também um domínio exterior ao trabalho (e.g., Frone, 2003; Staines, 1980), incluindo assim o relacionamento conjugal (Champoux, 1981; Frone, 2003). Assim, os relacionamentos românticos refletem-se numa relação de intimidade, no qual os indivíduos são próximos, havendo igualdade entre géneros e partilha de papéis entre os membros do casal e ainda interações sexuais (Rodrigues, Lopes, & Oliveira, 2011).

Como resultado de uma sociedade com elevados níveis de competição e exigência para com os indivíduos, com vista ao melhoramento constante da sua esfera laboral, aumenta o grau de investimento dos indivíduos nesta, o que se reflete na dificuldade de articulação entre as esferas (Cunha, 1998).

Assim, torna-se importante estudar os fatores que explicam a envolvimento extra-diádica, uma vez que, geralmente para os indivíduos, os atos de infidelidade são geralmente inaceitáveis, e, simultaneamente, praticados com frequência (Feldman & Cauffman, 1999). O Modelo do Investimento de Rusbult (1980, 1983) tem por objetivo explicar de que maneira alguns relacionamentos românticos prevalecem e outros terminam. Para compreender este processo, torna-se necessário estudar o compromisso (Rusbult, Agnew, & Arriaga, 2012; Rusbult, Agnew, & Arriaga, 2011), uma motivação para a relação ter continuidade (Drigotas, Rusbult, & Verette, 1999a; Rusbult, Martz, & Agnew, 1998). Nesse sentido, quanto maior for o compromisso com a relação amorosa, maior será a intenção de prevalecer nesta (Rusbult et al., 2011), e simultaneamente, mais baixa será a tendência para a envolvimento extra-diádica (Drigotas & Barta, 2001; Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999b; Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010). No entanto, um relacionamento exclusivo tem por base determinados comportamentos subjacentes a essa relação, que são admissíveis por ambos os indivíduos (Luo, Cartun, & Snider, 2010).

Na Europa, regista-se um progressivo número de indivíduos enfrentando a exigente articulação entre a esfera laboral e familiar (Chinchilla et al., 2009; Doorme-Huiskes, 1998). Existe uma tendência para ambos os sexos se envolverem em simultâneo em ambos os domínios (Nordeninark, 2002). Como tal, a literatura sugere que, para um bom equilíbrio entre as esferas, os indivíduos necessitam estar satisfeitos e ter uma boa relação com o mundo laboral e familiar, e que esta relação expresse um reduzido *mismatch* (Guerreiro & Carvalho, 2007).

Enquadramento Teórico

Articulação da Esfera do Trabalho com a Esfera das Relações Românticas

De uma forma geral, para quase todos os países, equilibrar a esfera laboral e familiar implica o enfrentamento de desafios. As organizações tendem a ser cada vez mais exigentes e a atividade laboral manifesta-se com um nível maior de complexidade (i.e., requer maior número de horas investidas, dedicação e flexibilidade por parte dos indivíduos). Para além do mais, os aspetos político e social e a própria economia dos países induzem a que as circunstâncias desafiantes e os recursos utilizados para as ultrapassar sejam distintos (e.g., a luta constante pela sobrevivência de diversas famílias africanas, resultante de baixos salários, é diferente dos desafios colocados às famílias europeias). Assim, o acesso tecnológico, o número de nascimentos e a constituição familiar mudam em função do país (Chinchilla et al., 2009).

No entanto, existe um aspeto em comum: os indivíduos têm vindo a alternar as suas obrigações nas duas esferas (i.e., laboral e amorosa), de forma a haver um ajuste entre estas (Chinchilla et al., 2009). Apesar disso, é difícil para aqueles alcançarem o mesmo grau de compromisso com ambos os domínios (Busch, 1998). E perguntamo-nos também: qual ou quais os fatores que levam os investigadores a estudar a articulação entre as duas esferas?

Na generalidade, a inserção da mulher no mercado laboral em todos os países da Europa foi alta no ano de 2014 (Eurostat, 2016). Nas últimas décadas, sendo o movimento social com maior amplitude (Chinchilla et al., 2009), observa-se a inserção do sexo feminino em elevados números no mercado laboral (Álvarez & Miles, 2003; Chinchilla et al., 2009; Dulk & Peper, 2007; Friedman, 2001; Hein, 2005; Noor, 2003; Somech & Drach-Zahavy, 2007). Esta realidade tem uma abrangência mundial, ainda que a taxa de variação difira em função do país (Chinchilla et al., 2009), sendo este um dos motivos (se não for o principal) para o surgimento de investigações no âmbito da relação entre esferas (Clancy e Tata, 2005, citado por Leite, 2006; Greenhaus & Singh, 2004). O exercício de uma atividade profissional pelas mulheres conduz à existência de dificuldades no equilíbrio entre a esfera laboral e a esfera amorosa (Winslow, 2005) e reflete-se na obtenção de remuneração nos dois sexos (Chinchilla et al., 2009; Somech & Drach-Zahavy, 2007; Vieira, Lopez & Matos, 2014). Deste modo, é usual encontrar casais nos quais os dois elementos trabalham (Hoog, 1998), o que leva a pôr em causa a perspetiva tradicional segundo a qual o homem era o sustento da casa (Chinchilla et al., 2009; Hein, 2005). A falta de equilíbrio entre as duas esferas resulta em inúmeras consequências: (a) baixa produtividade; (b) aumento da insatisfação; (c)

absentismo; (d) *turnover*; e (e) entre outros problemas que têm implicações na saúde dos indivíduos (Chinchilla et al., 2009).

Adicionalmente, a partir da Revolução Industrial, os indivíduos focaram-se na preocupação com a redução horária laboral, a fim de conseguirem alcançar mais qualidade de vida na esfera familiar (Hein, 2005). Por outro lado, as organizações atravessam uma elevada competitividade no mercado laboral (Hein, 2005). Assim, a nível mundial, o número de horas que as empresas referem como obrigatórias não tem em vista a esfera amorosa dos trabalhadores (Chinchilla et al., 2009), traduzindo-se na necessidade de num esforço adicional na articulação entre os dois domínios da vida dos indivíduos (Chinchilla et al., 2009; Greenhaus & Singh, 2004; Hein, 2005).

O caso de Portugal.

Em Portugal, o mercado laboral integra uma elevada taxa de mulheres a trabalhar em regime de full-time (Aboim & Vasconcelos, 2012; Guerreiro & Carvalho, 2007). Os resultados do estudo de Guerreiro (1998) demonstraram que a inserção da mulher no mercado laboral, em regime de full-time, evidenciou Portugal como um dos países da Europa com um maior índice de atividade profissional feminina (Guerreiro, 1998).

Maioritariamente, a esfera laboral implica que os indivíduos tenham de investir o seu tempo, ultrapassando o horário de expediente (Perista et al., 2016). Estes resultados vão de encontro ao que Guerreiro e Carvalho (2007) defendem, quanto mais uma das esferas requisitar o indivíduo, maior será a dificuldade deste em fazer face às necessidades da outra (Guerreiro & Carvalho, 2007). No entanto, este *mismatch* não é impeditivo de que o indivíduo deseje o seu envolvimento em ambos os domínios (Nordeninark, 2002).

Assim, em analogia com outros países da Europa, verifica-se uma prevalência em regime de tempo inteiro para os dois sexos (Aboim & Vasconcelos, 2012), o que se traduz na tendência para a extinção do protótipo de que a sobrevivência da mulher era suportada pelo homem (Aboim & Vasconcelos, 2012; Torres, Vieira, Monteiro & Cabrita, 2005).

De facto, é possível articular as duas esferas (Torres et al., 2005). O fator chave para um equilíbrio entre esferas (i.e., laboral e familiar) passa por o homem se preocupar também com estas. O indicador com maior relevância na articulação entre os domínios é o investimento de tempo que o casal faz em cada um destes. Face a estes resultados, conjugar a esfera laboral e familiar, por forma a que os indivíduos consigam alcançar um equilíbrio e uma partilha de responsabilidades entre esferas, parte do princípio de não poder existir diferenciação de tarefas entre sexos perante os dois cenários. Por sua vez, este *match* tem uma

influência positiva, que se estende aos indivíduos que trabalham e à sua *performance* (Wall et al., 2016).

Dito isto, a mútua dependência entre as esferas (i.e. laboral e amorosa) resultou de diversas alterações. A inserção em grande escala da feminização no mercado de trabalho e a nova forma que a família tomou, através da obtenção salarial por via dos dois sexos, entre outras mudanças, tornaram a temática do relacionamento entre mundo laboral e mundo familiar o centro da investigação de diversos autores (Núncio, 2008).

Relação entre a esfera laboral e a esfera relacional amorosa

De acordo com Elizur (1991) e Hein (2005), a investigação na área da relação entre o mundo laboral e outras esferas da vida do indivíduo tem vindo a constituir um foco progressivo de atenção. Face ao tema em apreço, primeiramente, as duas esferas eram perspetivadas como dois domínios separados, sem qualquer tipo de influência entre elas (Greenhaus & Singh, 2004). Recentemente, estas demonstram uma mutua ligação (Clark, 2000; Greenhaus & Singh, 2004), pois que a vivência experienciada numa delas tem implicações na outra (Núncio, 2008).

A esfera familiar e laboral não são “sistemas fechados” (Orthner & Pittman, 1986, p.574), estes dois domínios da vida de um indivíduo apresentam, em princípio, uma influência recíproca (Orthner & Pittman, 1986). A esfera laboral tem um maior impacto nas relações amorosas, ao invés da existência de uma relação inversa (Staines, 1980). Desta forma, estudos demonstraram que a relação é bidirecional (Greenhaus & Singh, 2004; Perry-Jenkins, Repetti, & Crouter, 2000), ainda que, na última década, existam poucos de entre eles se tenham dedicado ao efeito que a esfera familiar tem sobre o comportamento no mundo do trabalho (Perry-Jenkins et al., 2000; Orthner & Pittman, 1986; Tenbrunsel, Brett, Maoz, Stroh, & Reilly, 1995) e sobre o compromisso com este (Orthner & Pittman, 1986). Se perspetivarmos que as duas esferas expressam um nível elevado de exigência e compensações, o *mismatch* ou o equilíbrio entre estes dois domínios são condicionados pela carga exigente e compensatória que cada um tem na vida dos indivíduos (Núncio, 2008).

Nas últimas décadas, a literatura tem-se debruçado sobre o estudo do impacto que a esfera laboral tem na esfera amorosa, e inversamente (Greenhaus & Singh, 2004; Pitt-Catsouphes, Kossek, & Sweet, 2006). Geralmente, essas investigações analisam separadamente as duas esferas, tendo como foco de estudo o efeito que a esfera laboral tem nos relacionamentos amorosos, mas outras analisam o efeito contrário (Pitt-Catsouphes et al., 2006; Tenbrunsel et al., 1995).

Compromisso

Em seguida iremos apresentar os dois domínios em estudo, segundo o conceito de compromisso individual tal como é representado na esfera das relações românticas e na esfera do trabalho. Assim, iremos mencionar algumas abordagens referentes a estes dois construtos, explorando os modelos referentes ao objetivo em estudo: o Modelo do Investimento de Rusbult (1980, 1983) e a sua extensão aplicada ao domínio do Trabalho (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983).

Na última década, o conceito de compromisso tem vindo a ser avançado por vários estudos de investigadores da área da Psicologia Social e Psicologia Comportamental (Agnew, 2009). Trata-se de um conceito que tem por objetivo principal estudar a decisão de os indivíduos quererem manter ou não uma relação romântica. Contudo, esta é apenas uma simples definição (Agnew, 2009), em analogia com uma panóplia de caracterizações sobre o compromisso (Agnew, 2009; Farrell & Rusbult, 1981; Surra, Hughes, & Jacquet, 1999).

Dentro do *spectrum* de definições do conceito de compromisso, existem duas perspetivas sobre o termo: (a) a visão comportamental, em que o compromisso pode ser perspetivado como a intenção de dar continuidade a uma ação tomada pelo indivíduo face à sua relação amorosa; e (b) a visão psicológica, na qual o compromisso é definido como uma experiência subjetiva dando continuidade à relação romântica (é disso exemplo a forma como o indivíduo se sente em relação à intenção de continuar com o relacionamento amoroso em que está envolvido; Agnew, 2009).

Alguns autores sugerem ainda que o compromisso que o indivíduo tem com a sua relação é um conceito unidimensional, ou até um termo de natureza multidimensional (Agnew, 2009; Sabino, 2011). Defendem também que o compromisso possui dimensões cognitivas (pensamentos), motivacionais (intenções) e afetivas (sentimentos). Adicionalmente, a literatura postula a existência de diversos tipos de compromisso, como por exemplo, o compromisso estrutural, moral e pessoal, existindo ainda o compromisso voluntário (i.e., o indivíduo está comprometido porque é desejo deste) e não voluntário (i.e., o indivíduo só está comprometido porque a situação assim o exige; Agnew, 2009).

Em suma, a literatura refere que as teorias com maior relevância para explicar o compromisso que o indivíduo assume com a sua relação amorosa são, o Modelo dos Valores Sociais de Coesão de Levinger (ver Levinger, 1980), o Modelo Tripartido de Johnson (ver Johnson, Caughlin, & Huston., 1999) e o Modelo de Investimento de Rusbult (1980, 1983). Estas teorias são unânimes no que respeita à ideia segundo a qual os relacionamentos têm

continuidade devido a fatores que levam os indivíduos a desejar permanecerem nestes, e fatores impeditivos de os abandonar (Agnew, 2009).

Apesar de o conceito de compromisso ter colocado a sua tónica nas relações românticas, tal termo também já foi aplicado em outros contextos (Agnew, 2009), como, por exemplo, o compromisso que o indivíduo expressa com o seu trabalho (Agnew, 2009; Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult et al., 2012; Rusbult & Farrell, 1983). Este conceito de compromisso aplicado em contexto organizacional foi estudado pelo Modelo do Investimento de Rusbult (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983), pelo Modelo Tridimensional de Allen e Meyer (ver Allen & Meyer, 1990) e também pelo Modelo Multidimensional de O'Reilly e Chatman (ver O'Reilly & Chatman, 1986).

Compromisso nas relações românticas.

Nos países ocidentais temos assistido a um continuo aumento das dissoluções amorosas. Este facto levou muitos dos investigadores a lançar a sua atenção para os possíveis determinantes que conduzem à rutura de uma relação (Dwyer, 2000). Por exemplo, o Modelo do Investimento de Rusbult (1980, 1983) surgiu com o objetivo de estudar o compromisso nas relações amorosas. Compreende-se o termo de compromisso numa relação amorosa, segundo Agnew, Rusbult, Van Lange e Langston (1998), como uma vinculação psicológica dos indivíduos relativamente à sua relação romântica, à qual têm tendência para dar continuidade.

Apesar da existência de diversas abordagens no que respeita à caracterização do compromisso nas relações amorosas, existe unanimidade entre os investigadores no que respeita a pontos em comum nas suas definições (Agnew, 2009; Arriaga & Agnew, 2001; Surra et al., 1999). Existe, portanto, alguma concordância quanto aos elementos que impulsionam os indivíduos a continuarem nas suas relações (Arriaga & Agnew, 2001; Surra et al., 1999). Entenda-se por relação amorosa a continuidade de interações voluntárias entre os indivíduos, com uma particular ênfase na afetividade e no carácter sexual (Collins, Welsh & Furman, 2009). Por outras palavras, a relação amorosa reflete-se numa relação de intimidade (Floyd, 2011; Rodrigues et al., 2011), na qual os indivíduos estão próximos. Os papéis entre o casal são partilhados, existindo ainda interações sexuais (Rodrigues et al., 2011). Esta definição aplica-se tanto para indivíduos com uma orientação heterossexual como homossexual (Collins et al., 2009). Uma relação amorosa tem por base expectável a

exclusividade, pela existência de monogamia⁴. Esta protege a envolvimento emocional ou sexual com outros parceiros exteriores ao relacionamento (Floyd, 2011).

No entanto, estas perspectivas e os tipos de compromisso distinguem-se em função de como o compromisso é definido (Agnew, 2009). Note-se que, não obstante as diversas abordagens explicativas do compromisso, para muitos autores este é considerado um conceito de extrema importância na temática dos relacionamentos amorosos (Agnew, 2009). Como tal, para a temática em estudo, Agnew (2009) postula que a importância dada ao termo se deve ao facto de: (a) indivíduos que auto-expressam altos níveis de compromisso terem uma propensão maior para incluírem os seus parceiros românticos quando pensam sobre a sua relação (e.g., referindo-se à sua relação com substantivos no plural); (b) evidências empíricas revelaram que o compromisso está associado à adoção de comportamentos que possibilitam o desejo de permanência do indivíduo no seu relacionamento, ou seja, os comportamentos adotados por indivíduos com maiores níveis de compromisso são diferentes dos comportamentos adotados pelos indivíduos menos comprometidos com a sua relação; (c) este ser um determinante que explica o término de uma relação. O compromisso é o fator que melhor descreve a estabilidade final da relação amorosa, conduzindo por vezes à dissolução da relação (Agnew, 2009).

Outro fator distintivo das relações amorosas é o seu nível de interdependência, em que um elevado nível desta entre os indivíduos constitui uma das bases das relações amorosas. Contribuindo para a continuidade destas (Floyd, 2011; Rusbult et al., 1998). A Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), na qual o Modelo de Investimento de Rusbult (1980, 1983) se baseia, sugere que a dependência de uma relação só é maior quando um dos parceiros apresenta níveis elevados de satisfação com a sua relação (i.e., um dos indivíduos deseja continuar com o seu parceiro) e também quando não deseja procurar outras alternativas à sua relação (i.e., a sua única escolha é permanecer com o parceiro; Rusbult., 1998; Rusbult et al., 2011). A decisão do indivíduo em decidir manter ou não o seu relacionamento provém dos efeitos advindos dessa relação (i.e., se ela traz proveito e satisfação ao casal; Le & Agnew, 2003).

O conceito de dependência numa relação é o termo chave da teoria (Agnew et al., 1998). A dependência de um indivíduo face à sua relação, refere-se ao ponto até ao qual ele “necessita” de um relacionamento, como por exemplo, estar implicado nele apenas para conseguir alcançar os seus objetivos (Rusbult et al., 1998; Rusbult et al., 2011; Rusbult,

⁴ Envolvência do indivíduo em uma e uma só relação amorosa (Floyd, 2011).

Olsen, Davis, & Hannon, 2001), ou, mais, se o seu bem-estar depende da relação na qual está envolvido (Agnew et al., 1998; Rusbult et al., 2001). E perguntamo-nos: se é a satisfação e a qualidade percebida de alternativas os determinantes que aumentam a dependência do indivíduo à sua relação. Será possível compreender a definição destes dois processos?

O nível de Satisfação com o relacionamento foi referido na literatura (Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult., 1998; Agnew, 2009; Vanderdrift, Agnew, & Wilson, 2009) como o resultado da experiência que o relacionamento traz ao indivíduo (afeto positivo ou negativo). A satisfação é influenciada pelas expectativas associadas ao cumprimento das necessidades pelo parceiro romântico. As Qualidades das Alternativas dizem respeito à oferta de potenciais relacionamentos exteriores à relação (como por exemplo, amigos, familiares, ou ainda outros potenciais parceiros). Constituem ainda alternativas aquelas que não estão ligadas a relacionamentos românticos (como são os casos da gratificação ao sair com uma rede de amigos e da satisfação que o indivíduo expressa ao preferir o isolamento). Estas alternativas fazem face às necessidades do indivíduo, de entre as quais a literatura dá por exemplo o companheirismo e a sexualidade (Agnew, 2009; Agnew et al., 1998; Rusbult et al., 1998).

Em resumo, esta teoria defende que os efeitos de uma relação têm como base a maximização de ganhos e a minimização de custos (Le & Agnew, 2003). Entenda-se por ganhos, os prazeres e a satisfação que o indivíduo sente, provenientes da sua envolvência na relação amorosa, e, por custos, os elementos que atuam na inibição ou bloqueamento do comportamento do sujeito (Thibaut & Kelley, 1959). A satisfação com a relação amorosa é maior à medida que oferece ao indivíduo altas recompensas (e.g., o parceiro expressar um nível elevado de atração física ou partilhando interesses iguais), baixos custos (e.g., rara inexistência de contra-argumentos entre o casal), assim como procurarem não fazer analogias da sua relação face a outros potenciais relacionamentos (Rusbult, 1983; Rusbult, Johnson, & Morrow, 1986).

Dito isto, o Modelo de Investimento proposto por Rusbult (1980, 1983) surgiu com o objetivo de estudar os processos que estão por detrás da intenção de manter ou não uma relação interpessoal, tendo na sua génese a Teoria da Interdependência (Le & Agnew, 2003). Contudo, o Modelo explorou melhor estas premissas da Teoria da Interdependência (Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult et al., 1998), em dois parâmetros (Rusbult et al., 1998).

Em primeiro lugar, os relacionamentos não são estáticos (Rusbult et al., 2011). Uma relação pode vir a deteriorar-se aquando do aparecimento de alternativas atrativas e/ou quando a relação tem consequências para os indivíduos. Mas a dependência de um relacionamento não é explicada apenas pela satisfação e pelas qualidades alternativas

existentes. Ainda que existam boas alternativas acessíveis, há relacionamentos que ainda assim perduram, mesmo quando estes poderão não ser satisfatórios para um dos parceiros (Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult et al., 2011; Rusbult et al., 1998).

Em segundo lugar, existe um terceiro fator que influencia a dependência da relação, o Tamanho do Investimento que o indivíduo faz na sua relação. Entenda-se como tamanho de investimento, a amplitude e relevância dos recursos aplicados pelo indivíduo na sua relação, pelo que estes extinguem-se ou perdem o seu valor caso esta termine (Floyd, 2011; Rusbult et al., 1998; Rusbult et al., 2011; Agnew, 2009).

Existem duas formas diferentes de investir numa relação. O indivíduo pode investir intrinsecamente (como por exemplo, tempo; Rusbult, 1980, 1983), ou investir extrinsecamente (como por exemplo, bens materiais, a existência de filhos fruto da relação, amigos; Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 1998). Estes investimentos ao aumentarem o compromisso com a relação, aumentam, por sua vez, os custos associados ao término desta, tornando o compromisso como um estímulo para a relação continuar (Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 1998; Agnew, 2009; Vanderdrift et al., 2009). A dependência do relacionamento é maior à medida que os investimentos na relação também sejam (Rusbult et al., 2011; Agnew et al., 1998), aumentando a vinculação do indivíduo com o parceiro, tornando-se difícil o rompimento dessa ligação (Rusbult et al., 2011).

Em suma, o Modelo de Investimento postula que é através do aumento da dependência de uma relação que o compromisso surge (Rusbult et al., 1998; Rusbult et al., 2011). Um elevado compromisso é observável quando o casal apresenta níveis altos de satisfação com a sua relação, níveis baixos de qualidades das alternativas face a esta, juntamente com um elevado investimento (Agnew et al., 1998; Le & Agnew, 2003; Rusbult, 1983; Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult et al., 1998). Os termos referidos (satisfação e qualidades das alternativas), provêm exatamente da Teoria da Independência, na qual o Modelo de Investimento se baseou (Le & Agnew, 2003a).

O compromisso é definido assim, como um construto de natureza multidimensional (Arriaga & Agnew, 2001). É uma experiência psicológica, resultante da dependência que o indivíduo expressa com a sua relação (Agnew et al., 1998; Le & Agnew, 2003; Rusbult & Buunk, 1993). Por outras palavras, é a vinculação psicológica ao relacionamento amoroso, ao qual o indivíduo procura dar continuidade (Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 1986). O compromisso é caracterizado por três componentes (conativas, cognitivas e afetivas). Passamos a defini-las: (a) o termo conativas significa que, à medida que a dependência aumenta, o indivíduo expressa uma motivação intrínseca para dar continuidade ao seu

relacionamento – intenção de continuidade; (b) o termo cognitivas significa que o nível elevado de dependência leva a que o indivíduo projete no futuro o seu envolvimento na relação, sendo que os resultados do presente se transpõem para o futuro – orientação a longo prazo; por fim (c) o termo afetivas significa apego psicológico do indivíduo à relação – quanto maior for a dependência, mais a relação é experienciada pela díade (por exemplo: o parceiro e a relação influenciam o bem-estar emocional do indivíduo (Arriaga & Agnew, 2001; Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult et al., 2001).

A decisão em continuar ou não a relação é mediada pelo compromisso que o indivíduo tem com o seu relacionamento (Agnew et al., 1998; Rusbult, 1983; Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult et al., 1998). Por outras palavras, o compromisso medeia os impactos das suas três variáveis que explicam a decisão do indivíduo de manter ou terminar a sua relação amorosa (Rusbult et al., 2011; Rusbult et al., 1998; Figura 1). Estas variáveis podem ainda ter efeitos diretos na intenção ou rescisão da relação (Vanderdrift et al., 2009).

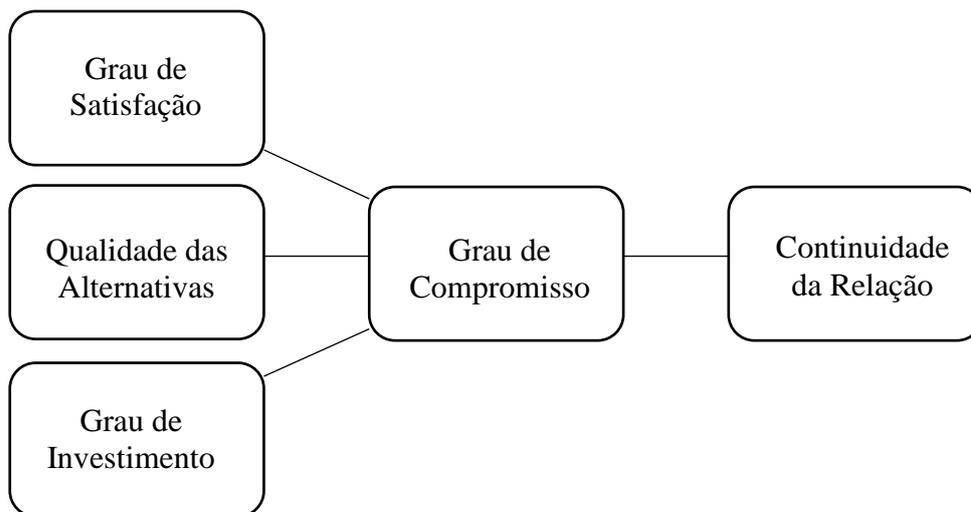


Figura 1. Modelo do Investimento de Rusbult (traduzido e adaptado de Rusbult et al., 1998)

Os resultados mostraram que a satisfação com o relacionamento e o tamanho do investimento têm uma correlação positiva com o compromisso. As qualidades das alternativas demonstraram uma correlação negativa com este (Rusbult et al., 1986; Rusbult et al., 1998; Vanderdrift et al., 2009). Este modelo apresenta, assim, um funcionamento segundo forças contrárias e a favor, uma vez que para o indivíduo estar comprometido com a sua relação, necessita de ter níveis elevados de satisfação (i.e., forças a favor), assim como baixas qualidades alternativas, que bloqueiam a saída do indivíduo (i.e., forças contrárias; Rusbult &

Buunk, 1993). Para reforçar a ideia, Rusbult (1983) refere que não é necessário que compromisso e a variável satisfação tenham que expressar uma forte correlação. Um elevado nível de compromisso pode ser resultado das baixas qualidades das alternativas ou ainda de um elevado tamanho de investimento. De facto, a relação pode ser insatisfatória, mas ainda assim o indivíduo estar comprometido com ela. Ao passo que uma relação altamente satisfatória poderá dissolver-se, face às potenciais qualidades alternativas com um reduzido nível de investimento.

A Escala do Modelo de Investimento (Rusbult et al., 1998) foi construída com o objetivo de mensurar quatro fatores que explicam a intenção de manter um relacionamento (i.e., nível de satisfação, qualidades das alternativas, tamanho do investimento), juntamente com a variável compromisso (Rusbult et al., 1998).

Este modelo também já foi empregue para além da temática dos relacionamentos românticos (Agnew, 2009; Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 2011; Rusbult et al., 2012; Rusbult et al., 1998; Vanderdrift et al., 2009), nomeadamente por Farrell e Rusbult (1981) e Rusbult e Farrell (1983), para estudar o compromisso dos indivíduos com o trabalho (Agnew, 2009; Dam, 2005; Le & Agnew, 2003; Rusbult, 1983; Rusbult et al., 2011).

Compromisso com o trabalho.

No contexto organizacional, existem diversas tipologias de compromissos, como, por exemplo, o compromisso que os indivíduos expressam com a organização, com a carreira, com o trabalho, entre outros (Fornes, Rocco, & Wollard, 2008). A literatura refere, quando estes são estudados, o surgimento de ambiguidades quanto às definições dos restantes conceitos concorrentes do constructo compromisso. Tal acontece porque os termos já foram usados de forma permutável ou ainda sem uma operacionalização específica (Stevens, Beyer, & Trice, 1978; e.g., o conceito de compromisso com trabalho foi operacionalizado em múltiplas definições; Chusmir, 1982). No entanto, apenas será referida a definição de Farrell e Rusbult (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983), uma vez que diz respeito ao modelo em estudo. Estes autores referem o compromisso com o trabalho como o desejo que o indivíduo expressa de dar continuidade ao seu emprego e se sentir vinculado psicologicamente com este. O indivíduo percebe a existência de uma “ligação” com a sua atividade profissional e só assim se reflete o compromisso com o seu emprego, independentemente do afeto que expressa em relação ao mesmo (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983). Os determinantes que explicam o compromisso que o indivíduo

expressa com a sua atividade profissional são: (a) satisfação; (b) qualidade percebida das alternativas; e (c) tamanho dos investimentos (Farrell & Rusbult, 1981).

O poder explicativo do modelo relativamente à manutenção de uma relação foi amplamente analisado e validado (Le & Agnew, 2003; Rusbult et al., 1986; Rusbult et al., 1998), o mesmo acontecendo com o modelo aplicado ao trabalho (Le & Agnew, 2003; Rusbult et al., 1986). Estes modelos demonstraram serem aqueles com maior robustez ao estudarem o compromisso como o fator que melhor explica a intenção de permanência em relações românticas e também em contexto organizacional (Rusbult et al., 1986; Rusbult et al., 1998).

Para além do mais, o Modelo de Rusbult (1980, 1983) já foi aplicado para analisar os fenómenos da infidelidade no contexto das relações românticas (Drigotas et al., 1999b). Adicionalmente, um estudo recente de Rodrigues, Lopes e Pereira (2016) aplicou este modelo juntamente com uma escala de medida de Atitudes Face à Infidelidade, com o objetivo de verificar se o compromisso estava associado à perceção que os indivíduos tinham sobre a infidelidade.

Atitudes e Comportamentos Face à Infidelidade

O envolvimento extra-diádico é condenado pela maioria dos indivíduos (Fife, Weeks & Gambescia, 2008; Jackman, 2015; Drigotas., 1999b). No entanto, é praticado por muitos parceiros românticos (Drigotas et al., 1999b). Como tal, é necessário analisar as disposições/avaliações que os indivíduos fazem relativamente a um determinado objeto em função do seu grau de aceitabilidade, ou seja, as suas atitudes (Ajzen & Fishbein, 2000; Uthaug, 2016). Sem estas não seria possível explicar e prever o comportamento humano (Ajzen & Fishbein, 2000; Olson & Kendrick, 2013).

No presente estudo será analisada, segundo Ajzen e Cote (2013), a avaliação que os indivíduos expressam relativamente a objetos que não determinam uma ação específica relativamente a estes (atitudes globais). Note-se que o termo objeto diz respeito a qualquer aspeto que pode ser avaliado. Assim, uma instituição engloba, por exemplo, a Igreja Católica (Ajzen & Cote, 2013; Ajzen & Fishbein, 2000). Neste sentido, a infidelidade, como poderemos ver mais adiante, engloba no seu conceito várias naturezas do termo. No entanto, será analisado o construto global do conceito (i.e., envolvimento extra-diádico global).

As atitudes são inobserváveis de forma direta. Estas necessitam serem avaliadas através das respostas que os indivíduos dão relativamente à medida de atitude (Schwarz, 2013). Sendo influenciadas por diversos fatores, como por exemplo um indivíduo pode

expressar uma atitude negativa relativamente ao objeto avião, resultante do seu medo em voar. Estas diferentes atitudes que um indivíduo pode expressar auxiliam na explicação segundo a qual existem alguns fatores que influenciam as opiniões dos indivíduos (Ajzen & Fishbein, 2000). Neste contexto e face ao presente estudo, segundo McAnulty e Brineman (2007), as atitudes face à infidelidade são importantes por forma a compreender a infidelidade objetiva nos relacionamentos amorosos. Avaliar positivamente o envolvimento extra-diádico é uma atitude que variou desde o *continuum* da não aceitação à total aceitação de infidelidade (Thompson, 1983). Indivíduos que expressam uma avaliação de aceitação da infidelidade, tal aceitação explica um possível envolvimento extra-diádico em algum momento das suas vidas (Martins et al., 2016).

A avaliação que o indivíduo faz acerca da infidelidade foi associada a variáveis de cariz sociodemográfico, como por exemplo, o sexo (Jackman, 2015). Mais, as atitudes face à infidelidade foram influenciadas por variáveis relacionais (i.e., satisfação, qualidades das alternativas; Mattingly et al., 2010).

Analisar as atitudes dos indivíduos face à infidelidade é uma variável de extrema importância, uma vez que esta estuda o núcleo do conceito de infidelidade, não se centrando nas várias dimensões que a compõem. Segundo Mattingly et al. (2010) a incongruência encontrada na definição de infidelidade resulta da sua natureza multidimensional. Podemos deparar-nos com uma variedade de definições divergentes do conceito de infidelidade (Allen & Atkins, 2012; Atkins, Baucom, & Jacobson., 2001; Blow & Hartnett, 2005; McAnulty & Brineman, 2007; Wilson, Mattingly, Clark, Weidler, & Banquette, 2011). Por razões de complexidade da definição de infidelidade (McAnulty & Brineman, 2007) e considerando um relacionamento diádico (i.e., amoroso; Drigotas & Barta, 2001), o conceito de infidelidade é assim caracterizado pelo envolvimento de carácter sexual [e; Fife et al., 2008; Martins et al., 2016] ou emocional com um indivíduo exterior à relação (Blow & Hartnett, 2005; Fife et al., 2008; Floyd, 2011; Martins et al., 2016; McAnulty & Brineman, 2007),⁵ não havendo permissão do seu parceiro (Fife et al., 2008), violando desta forma, as normas implícitas ou explícitas de exclusividade da relação amorosa (Barta & Kiene, 2005; Blow & Hartnett, 2005; Drigotas & Barta, 2001; Drigotas et al., 1999b), levando a que o parceiro se sinta traído

⁵ Os dois tipos de infidelidade são caracterizados individualmente em diversas investigações (Shackelford & Buss, 1997; Wilson et al., 2011). A infidelidade emocional é definida como um apego emocional com outra pessoa fora da relação atual, não havendo um contacto sexual (Buunk & Dijkstra, 2004; Wilson et al., 2011). Por outras palavras, o indivíduo dedica o seu amor romântico, atenção e tempo ao parceiro exterior (Shackelford & Buss, 1997). A infidelidade sexual diz respeito a um envolvimento de carácter sexual com um indivíduo exterior à relação, não havendo uma vinculação emocional (Buunk & Dijkstra, 2004; Shackelford & Buss, 1997). Buunk e Dijkstra (2004) referem que existe a probabilidade de por vezes estes dois tipos de infidelidade surjam em simultâneo.

(Wilson et al., 2011) e se torne ciumento (Buunk, 1984; Wilson et al., 2011). Debrucemo-nos agora sobre os fatores associados à infidelidade.

O Modelo do Investimento de Rusbult (1980, 1983) mostrou resultados bem-sucedidos na explicação do envolvimento extra-diádico. O envolvimento neste é impedido pelo compromisso (Drigotas & Barta, 2001; Drigotas et al., 1999b), ou seja, uma motivação para a relação ter continuidade (Drigotas & Barta, 2001; Drigotas et al., 1999b; Rusbult et al., 1998). Os indivíduos com níveis elevados de compromisso, satisfação, tamanho de investimento e baixos níveis de qualidades alternativas são menos suscetíveis de serem infiéis (Drigotas et al., 1999b; Martins et al., 2016).

Porém, os fatores antecedentes da infidelidade deverão ser analisados e tidos em consideração (McAnulty & Brineman, 2007). O determinante com maior evidência diz respeito à qualidade da relação amorosa⁶ (Buss & Shackelford, 1997), especialmente o nível de Compromisso com o relacionamento (Drigotas et al., 1999b; McAlister, Pachana & Jackson, 2005; McAnulty & Brineman, 2007; Rodrigues et al., 2016); o nível de Satisfação conjugal também revelou ser um forte determinante da infidelidade (Atkins et al., 2001; Buss & Shackelford, 1997; Glass & Wright, 1985; Prins, Buunk, & Vanperen, 1993; Thompson, 1983; White, 1981; Wiederman & Allgeier, 1996), assim como o tamanho do investimento (Tsapelas, Fisher, & Aron, 2010). E por fim, as Qualidades das Alternativas (McAlister et al., 2005; Tsapelas et al., 2010) mostraram ser presumivelmente o determinante mais associado ao envolvimento extra-diádico (McAlister et al., 2005). Note-se que não é só o domínio das relações românticas um determinante na explicação do envolvimento extra-diádico, mas também a esfera do trabalho poderá facilitar a ocorrência de infidelidade. Segundo Sias (2009), a atividade profissional poderá potencializar um possível envolvimento romântico, decorrente do facto dos indivíduos no seu quotidiano laboral interagirem, o que se traduz, segundo Allen et al. (2005), na exposição de potenciais parceiros alternativos. Estes autores defendem que a esfera laboral poderá criar um contexto de facilitação do envolvimento com um parceiro exterior à atual relação. Como tal, a esfera laboral oferece uma visão aos indivíduos de perceberem outras alternativas às suas relações. No entanto, quando os indivíduos percebem alternativas aos seus empregos, estas possibilitam que a motivação daqueles seja orientada para o interesse em haver uma possível mudança na atividade profissional (Rusbult & Lowery, 1985), o que se traduz na relevância que a atividade

⁶ As variáveis que avaliam a qualidade da relação amorosa são o compromisso, a satisfação com a relação, o tamanho do investimento e as qualidades de alternativas (Mattingly et al., 2010). Assim, o Modelo de Rusbult (1980, 1983) é um indicador da qualidade da relação amorosa.

profissional tem nas vidas dos participantes (Perista et al., 2016). Desta forma, a qualidade percebida de alternativas ao trabalho desvia o foco de interesse para potenciais alternativas às relações.

Resumidamente, o envolvimento extra-diádico resulta de diversos fatores (Atkins et al., 2001; Feldman & Cauffman, 1999; McAnulty & Brineman, 2007), fatores esses que poderão ser distribuídos por grupos: (a) variáveis sociodemográficas; e (b) variáveis do domínio das relações (e.g., dimensões do Modelo de Rusbult; Martins et al., 2016; Martins, Pereira, & Canavarro, 2014). Note-se que os resultados do estudo de Atkins et al. (2001) e Treas e Giesen (2000) demonstraram uma associação entre o grau de habilitações e o envolvimento extra-diádico. Ao passo que a investigação de Allen et al. (2005) e Martins et al. (2014) revelaram que estas duas variáveis não se encontravam relacionadas.

Problema de Investigação

Todo o modelo teórico necessita ser implementado em novos contextos, na medida em que só assim se consegue, para além de reforçar a sua utilidade, aprende-se algo mais sobre este (Whetten, 1989).

O estudo em apreço tem como finalidade dar resposta à questão de investigação colocada, ou seja, havendo um *match* ou *mismatch* entre o compromisso que o indivíduo expressa relativamente à sua relação amorosa e o compromisso que expressa com o seu trabalho, bem como nas diferentes dimensões que compõem ambos os modelos (Nível de Satisfação, Qualidades das Alternativas e Tamanho do Investimento). Perguntamo-nos qual o seu impacto nas suas perceções acerca de questões relativas à infidelidade por um indivíduo envolvido numa relação romântica?

Objetivos

O estabelecimento de objetivos é um exercício que envolve a cognição do indivíduo, terminando na descrição concisa do que se pretende alcançar (Neves, Garrido, & Simões, 2015).

O presente estudo pretende: (a) verificar se existe um *match* ou *mismatch* entre o compromisso individual na esfera relacional e na esfera laboral; (b) em que medida é que as avaliações dos indivíduos acerca de questões relativas à infidelidade e o seu envolvimento extra-conjugal real sofrem influência de um *match* ou *mismatch*?

A investigação em apreço encontra-se distribuída em quatro capítulos. No primeiro capítulo, o enquadramento teórico, fez-se de forma genérica referência à articulação entre as

relações românticas e o domínio do trabalho, havendo uma ligação entre as esferas. Apresentámos ainda, em maior detalhe, a existência de vários modelos que nos ajudam a enquadrar a articulação entre os domínios. No entanto, o Modelo do Investimento de Rusbult (1980, 1983) é tão mais interessante porque se desdobra nestas duas áreas, contribuindo para a explicação do compromisso das pessoas com as suas relações e o compromisso com o trabalho. Segundo Blow e Hartnett (2005) postulam, a infidelidade é um tema que suscita um elevado interesse na atualidade. Desta forma, no final deste capítulo, referimos alguns estudos que mostraram de que forma a esfera das relações amorosas e a do trabalho podem influenciar uma série de outras dimensões, particularmente as Atitudes dos indivíduos Face à Infidelidade, e também o seu envolvimento real. No segundo capítulo, será apresentado o método, e com ele a caracterização da amostra e a descrição das medidas utilizadas, as qualidades psicométricas destas e por fim o procedimento para a recolha dos dados. No terceiro capítulo, serão mostrados os resultados com base em algumas questões de cariz sociodemográfico, as sub-escalas subjacentes aos dois Modelos do Investimento, a escala de Atitudes Face à Infidelidade e a questão sobre a infidelidade real em função dos objetivos de estudo. Por fim, o último capítulo - a discussão - será apresentada uma análise crítica dos resultados, de acordo com estudos anteriormente realizados. Nesta secção serão ainda mencionadas algumas limitações e sugestões para estudos futuros. Tendo em conta a importância social que o fenómeno infidelidade expressa, concretamente para os profissionais clínicos, serão discutidas sucintamente algumas estratégias que estes poderão adotar por forma a minimizar o impacto da infidelidade nas relações dos indivíduos.

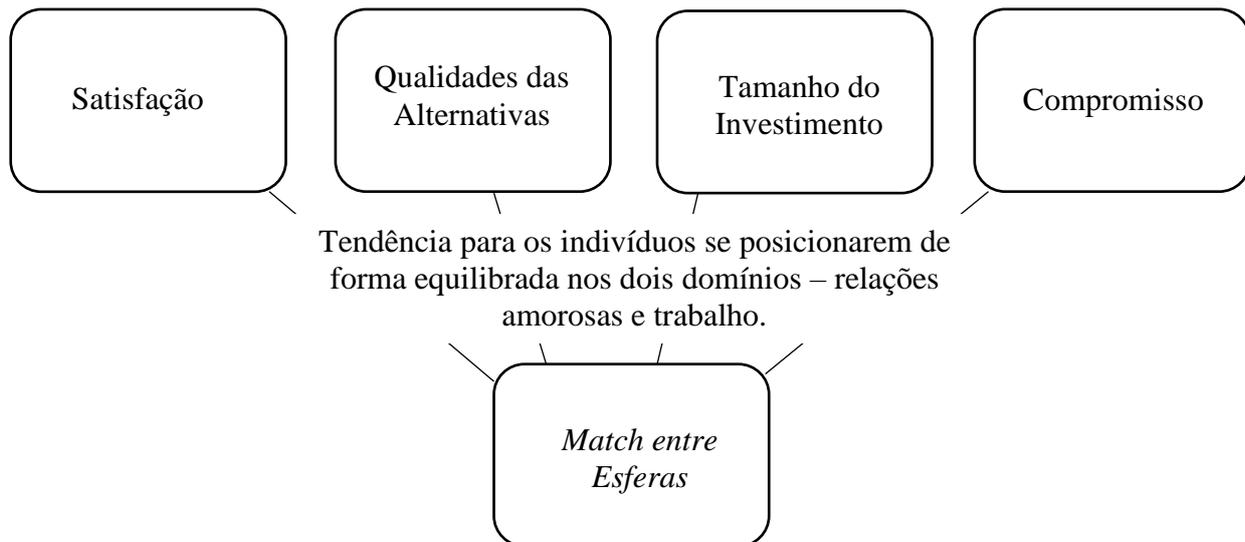


Figura 2. Ilustração do Posicionamento dos Indivíduos para um Match entre a Esfera Amorosa e do Trabalho

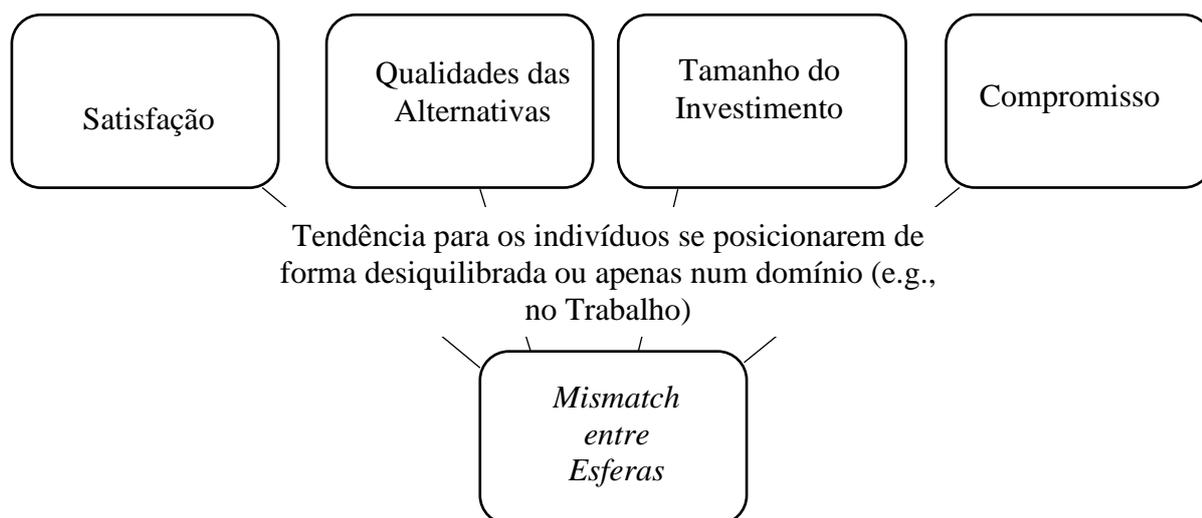


Figura 3. Ilustração do Posicionamento dos Indivíduos para um Mismatch entre a Esfera Amorosa e do Trabalho

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 538 participantes. Tomou-se a decisão de controlar os participantes heterossexuais com nacionalidade Portuguesa, que exercessem uma atividade profissional e atualmente se encontrassem numa relação romântica. Desta forma, a amostra (ver Quadro 1) para o presente estudo é constituída por 273 indivíduos portugueses (237 mulheres; $M_{idades} = 32.00$, $DP = 9.06$; $M_{idades\ homens} = 33.36$, $DP = 8.25$), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M_{total\ idades} = 32.18$; $DP = 8.95$). A 10.8 pontos percentuais de atingir quase metade da amostra, os participantes possuem um bacharelato ou licenciatura (39.2%; e 35.5% referiu possuir o ensino secundário). A maioria dos participantes revela ser solteiros em união de facto (35.2%; 33.7% correspondeu aos indivíduos solteiros que se encontram numa relação; 26.7% casados; e 4.4% da amostra refere ser divorciada). Maioritariamente os participantes residem na Área Metropolitana de Lisboa (38.8%; a segunda área com maior número de residentes [28.2%], é a região Centro do país).

No que concerne à restante recolha sociodemográfica, no domínio relacional (ver Quadro 1), 77.7% revela coabitar com o seu atual companheiro. Destes participantes, 75.5% vivem permanentemente com o seu. Por outro lado, 34.4% mencionam ter filhos. A duração da relação varia entre 2 a 480 meses, no qual os envolvidos (ou que pelo menos tenham tido uma relação romântica) expressam um tempo médio de relação de 105.33 meses ($DP = 93.04$).

Por fim, no que respeita às variáveis de cariz organizacional (ver Quadro 1), 75.8% dos participantes encontram-se numa situação laboral de emprego permanente (16.1% encontra-se em situação temporária e 8.1% são trabalhadores/estudantes). As categorias profissionais com maior evidência são os Técnicos e Profissões de nível intermédio que registam 22.3% da amostra, e em segundo lugar observa-se a categoria de Pessoal administrativo (17.6%). Os cargos ocupados pela maioria da amostra (28.2%) remetem para ser de chefia e com uma variação de tempo na organização entre 0 a 576 meses. Os indivíduos expressam uma média total de tempo de permanência na empresa de 81.63 meses ($DP = 99.03$). Em função do sexo, as mulheres demonstram um tempo médio de 79.36 meses ($DP = 98.41$; $M_{homens} = 96.86$; $DP = 103.26$). Quanto à situação laboral do companheiro, isto é, se trabalha na mesma organização, 11.4% dos indivíduos mencionam que sim, trabalhando num departamento diferente do seu (3.7%).

Quadro 1. Características Descritivas da Amostra

	<i>N</i>	<i>n</i>	%		
Variáveis Individuais e Educacionais					
Sexo					
Feminino		237	86.8		
Masculino		36	13.2		
Total	273		100.0		
Orientação Sexual					
Heterossexual		273	100.0		
Nacionalidade					
Portuguesa		273	100.0		
Estado Civil					
Solteiro/a numa relação		92	33.7		
Solteiro/a em união de facto		96	35.2		
Casado/a		73	26.7		
Divorciado/a		12	4.4		
Total	273		100.0		
Área Habitual de Residência					
Norte		25	9.2		
Centro		77			
Sul		33	12.1		
Área Metropolitana de Lisboa		106	38.8		
Área Metropolitana do Porto		13	4.8		
Arquipélago dos Açores ou Madeira		5	1.8		
Estrangeiro		14	5.1		
Total	273		100.0		
Habilitações Escolares					
Ensino Preparatório ou 2º Ciclo		3	1.1		
Ensino Unificado ou 3º Ciclo		8	2.9		
Ensino Secundário		97	35.5		
Bacharelato/Licenciatura		107	39.2		
Mestrado/Doutoramento		54	19.8		
Total	273		100.0		
Idade (anos)					
Feminino		236	99.6	<i>M (DP)</i>	Min (Max)
Masculino		36	100.0	32 (9.06)	18 (63)
Total	272		99.6	33.36 (8.25)	21 (56)
				32.18 (8.95)	18 (63)
Variáveis de Domínio Relacional					
Coabitação					
Sim		212	77.7		
Não		60	22.0		
Total	272		99.6		
Frequência de Coabitação					
Vivo com o/a meu/minha companheiro/a esporadicamente		6	2.2		
Vivo com o/a meu/minha companheiro/a permanentemente		206	75.5		
Total	212		77.7		
Filhos					
Sim		94	34.4		
Não		179	65.6		
Total	273		100.0		
Duração da Relação (meses)					
Feminino		237	100.0	<i>M (DP)</i>	Min (Max)
Masculino		36	100.0	104.60 (92.08)	2 (480)
Total	273		100.0	110.14 (100.40)	12 (417)
				105.33 (93.04)	2 (480)
Variáveis de Domínio Organizacional					
Situação Profissional					
Emprego Permanentes		207	75.8		
Emprego Temporário		44	16.1		
Trabalhador/a Estudante		22	8.1		
Total	273		100.0		

Categoria Profissional				
Profissional das Forças Armadas	6	2.2		
Setor Terciário	117	42.9		
Setor Primário	30	11.0		
Pessoal Administrativo	48	17.5		
Outro/a. Qual?	70	25.6		
Total	271	99.3		
Funções de Chefia (cargo)				
Sim	77	28.6		
Não	195	71.4		
Total	272	99.6		
Companheiro/a atual trabalha na mesma empresa/instituição				
Sim	31	11.4		
Não	241	88.3		
Total	272	99.6		
Situação Laboral do Companheiro				
Trabalha num departamento diferente do meu	10	3.7		
Trabalha no mesmo departamento em que eu trabalho	2	.7		
Trabalha no mesmo local físico em que eu trabalho	2	.7		
Trabalha num local físico diferente do meu	3	1.1		
Possui um regime contratual diferente do meu	1	.4		
É o meu/minha chefe	1	.4		
Outras opções.	11	4.4		
Total	31	11.4		
Tempo na instituição (meses)				
			<i>M (DP)</i>	<i>Min (Max)</i>
Feminino	235	99.2	79.36 (98.41)	0 (576)
Masculino	35	97.2	96.86 (103.26)	2 (420)
Total	270	98.9	81.63 (99.03)	0 (576)

Medidas

Para o presente estudo foram utilizadas um conjunto de questões sociodemográficas e uma bateria de questionários de auto-resposta, nomeadamente, a escala do Modelo do Investimento aplicado às Relações (IMS; Rusbult et al., 1998), versão Portuguesa adaptada e validada por Rodrigues & Lopes, 2013; IMS-S), a escala do Modelo do Investimento aplicado ao Trabalho (Rusbult & Farrell, 1983, versão validada por Lopes, in press), e a escala de Atitudes Face à Infidelidade (ATIS; Whatley, 2006, versão validada por Pereira, Martins, Narciso, & Canavarro, 2017), variando num formato de resposta de *Likert* entre 1 e 7 pontos. Adicionalmente, por forma a avaliar se os indivíduos alguma vez se envolveram numa relação extra-diádica, formulámos a seguinte questão “Já se envolveu com outra(s) pessoa(s) no decurso do seu relacionamento amoroso atual?” (Sim/Não; adaptado de Rodrigues & Lopes, 2016).

Caracterização sociodemográfica.

Os dados sociodemográficos (ver Anexo A), para caracterização da amostra, foram recolhidos através de 7 itens referentes ao domínio individual e educacional: sexo (feminino, masculino ou transexual); orientação sexual (homossexual, bissexual, heterossexual ou outra); idade; estado civil (solteiro/a sem relação, numa relação ou em união de facto,

casado/a, viúvo/a, divorciado/a); nacionalidade; área habitual de residência (Norte, Centro, Sul, Área Metropolitana de Lisboa, área Metropolitana do Porto, Arquipélago dos Açores ou Madeira, Estrangeiro); habilitações escolares (1º, 2º ou 3º ciclo, secundário, licenciatura; doutoramento, outra). Adicionalmente, 4 itens referentes ao domínio relacional: duração da relação (anos e meses); coabitação (sim ou não), e se sim com que frequência (esporadicamente ou permanentemente); se têm filhos (sim ou não).

Por fim, 6 itens associados à esfera laboral: situação profissional (emprego permanente ou temporário, trabalhador/a estudante ou apenas estudante, desempregado/a, reformado/a ou doméstico/a); categoria profissional (profissional das forças armadas, setor terciário, setor primário, pessoal administrativo, outro/a.); duração profissional (meses e anos); se o cargo ocupado inclui funções de chefia (sim ou não); se o companheiro/a atual trabalha na mesma empresa/instituição em que se encontra empregado/a (sim ou não); qual a situação em que o companheiro/a trabalha na mesma empresa/instituição (trabalha num departamento diferente ou no mesmo departamento, no mesmo ou diferente local físico, possui um regime contratual semelhante ou diferente, é o/a chefe, é o/a subordinado/a).

Escala do modelo do investimento de Rusbult (IMS-S).

Inicialmente a escala do Modelo de Rusbult et al. (1998; IMS) surgiu com um total de 22 itens globais, distribuídos por quatro grupos de questões, no qual cada grupo diz respeito a uma dimensão do respetivo modelo (i.e., Satisfação, Qualidades das Alternativas, Tamanho do Investimento e Nível de Compromisso). A versão reduzida de Rodrigues e Lopes (2013; IMS-S), implicou uma tradução para Português e um nível de concordância entre juízes, com uma aproximação de 95%. A escala é composta por 13 itens (i.e., cada dimensão do respetivo modelo é composta por 3 itens; e 4 itens que avaliam a dimensão Compromisso; ver Quadro 2). Os itens da escala são mensurados com base numa escala de *Likert* de 7 pontos (1="Discordo Totalmente" a 7="Concordo Totalmente"; ver Anexo B). Foi solicitado aos participantes para pensassem nos seus relacionamentos amorosos e nos seus/suas parceiros/as e que respondessem às questões de acordo com o que sentem. Caso não se encontrassem num relacionamento, foi-lhes pedido que pensassem no último em que estiveram envolvidos.

No que concerne às propriedades psicométricas da escala (Rodrigues & Lopes, 2013), os quatro construtos do modelo registaram um elevado nível de consistência interna (i.e., Coeficiente de Alfa de *Cronbach*): os itens 1,2 e 3 correspondem ao grau de Satisfação ($\alpha = .94$); os itens 4,5 e 6 correspondem às Qualidades das Alternativas ($\alpha = .80$); 3 itens (7, 8

e 9) correspondem ao Tamanho do Investimento ($\alpha = .82$); e por fim os itens 10, 11, 12 e 13 correspondem ao nível de Compromisso ($\alpha = .89$). No presente estudo, os resultados apresentados no quadro 2, relativamente à escala do Modelo de Investimento de Rusbult aplicado às Relações, a dimensão Satisfação com o relacionamento e o nível de Compromisso expressaram, respetivamente, um nível de consistência interna considerado muito bom ($\alpha_{\text{Satisfação}} = .93$; $\alpha_{\text{Compromisso}} = .92$); o Tamanho do Investimento apresentou um nível bom ($\alpha = .81$); e por fim, a dimensão das Qualidades das Alternativas ($\alpha = .76$) e escala Global ($\alpha = .77$) apresentaram um nível razoável.

Quadro 2. *Consistência interna da escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações (IMS-S)*

	Alfa de Cronbach		N (itens)	f	%
	α	α se o item retirado			
Dimensões e Itens					
Satisfação	.93		3	192	70.3
1. Sinto-me satisfeito com o meu relacionamento		.91			
2. O meu relacionamento está próximo do que eu considero ser ideal para mim		.91			
3. O meu relacionamento faz-me muito feliz		.89			
Qualidades das Alternativas	.76		3	192	70.3
4. Outras pessoas com quem poderia envolver-me (que não o meu parceiro) são muito apelativas		.56			
5. As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)		.72			
6. As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento alternativo		.74			
Tamanho do Investimento	.81		3	192	70.3
7. Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse		.71			
8. Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu parceiro (atividades recreativas, etc.), e eu perderia tudo isso caso o meu relacionamento terminasse		.71			
9. Sinto-me muito envolvido no meu relacionamento, uma vez que fiz grandes investimentos nele		.79			
Compromisso	.92		4	192	70.3
10. Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo		.90			
11. Estou comprometido a manter o meu relacionamento com o meu parceiro		.92			
12. Desejo que o meu relacionamento dure para sempre		.90			
13. Estou motivado para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu parceiro daqui a vários anos)		.89			
Escala Global	.77		13		

Escala do modelo do investimento variante do domínio do trabalho (IMS).

Originalmente uma variante do IMS aplicado ao Trabalho (Rusbult & Farrell, 1981), as opções de resposta eram dadas numa escala de *Likert* de 9 pontos. Na versão utilizada para este estudo (ver Anexo C), foi utilizada uma escala de 7 pontos de *Likert*, para cada uma das

quatro variáveis. Os indicadores de consistência interna obtidos pelos autores da escala original foram os seguintes: (a) Satisfação no trabalho (6 itens; $\alpha = .82$); (b) Alternativas ao emprego atual (3 itens; $\alpha = .74$); (c) Investimento no emprego atual (3 itens; $\alpha = .78$); e por fim (c) a escala de Compromisso face ao emprego atual (4 itens de resposta fechada e 1 item de resposta aberta; $\alpha = .86$). No estudo longitudinal de Rusbult e Farrell (1983), a respectiva escala revelou uma amplitude de consistência interna: $.93 < \alpha < .95$ para o fator Satisfação; $.60 < \alpha < .77$ para o fator das Qualidades das Alternativas; $.75 < \alpha < .80$ para o fator Investimento; e $.88 < \alpha < .93$ para a dimensão Compromisso.

A implementação da subescala de Alternativas ao emprego atual requer aos participantes que pensem em eventuais alternativas aos seus trabalhos atuais ou que, caso não possuam este tipo de alternativas atualmente, pensem como se as tivessem; a escala de Investimento no emprego atual, é pedido que pensem nos investimentos que fizeram e atualmente fazem nos seus trabalhos atuais; com a escala de Satisfação no trabalho, são colocadas questões sobre a forma como os inquiridos se encontram satisfeitos com os seus trabalhos; e por fim, implementou-se a escala de Compromisso face ao emprego atual, por forma a saber o quão comprometidos os indivíduos estão com as atuais atividades profissionais.

No que concerne à presente investigação, os resultados obtidos através do indicador de consistência interna revelaram diversos valores (Quadro 3). O maior coeficiente de alfa de *Cronbach* encontrado diz respeito à dimensão de Satisfação com o Trabalho ($\alpha = .92$), considerado um índice de fidelidade interna muito bom (visto ser composto pelo maior número de itens que representam a dimensão); e com uma diferença de 0.08 pontos de consistência interna, encontra-se a escala Global ($\alpha = .84$), em seguida, com um índice de fidelidade relativamente mais baixo em analogia às duas anteriores, encontra-se a dimensão do Compromisso ($\alpha = .81$). Estas apresentaram, respetivamente, um índice de fidelidade interna bom. Ao passo que com um índice de fidelidade interna razoável encontrou-se a dimensão Qualidades das Alternativas ($\alpha = .71$); e por fim, a dimensão do Tamanho do Investimento ($\alpha = .57$) expressou um valor de consistência interna fraco. No entanto, apesar do valor de alfa ser pequeno, as correlações entre os itens são significativas e variam numa intensidade entre baixa a moderada ($.20 < r < .54, p < .01$).

Quadro 3. Propriedades Psicométricas da escala do Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho (IMS)

	Alfa de Cronbach		N (itens)	f	%
	α	α se o item retirado			
Dimensões e Itens					
Satisfação	.92		6	188	68.9
1. Tomando tudo em consideração, em que medida se encontra satisfeito com o seu trabalho atual?		.90			
2. De uma forma geral, em que medida gosta do seu trabalho atual?		.90			
3. Sabendo o que sabe hoje, se tivesse que decidir quanto a aceitar o trabalho que tem neste momento, o que decidiria?		.91			
4. Se um amigo(a) seu lhe dissesse que estaria interessado em empregar-se num trabalho semelhante ao seu, na mesma instituição ou empresa, o que lhe diria?		.92			
5. Em que medida o seu trabalho atual se compara ao trabalho que idealmente gostaria de ter?		.91			
6. Em que medida o seu trabalho atual cumpre as expectativas do trabalho que desejava quando o aceitou?		.90			
Qualidades das Alternativas	.71		3	196	71.8
7. Tomando tudo em consideração, em que medida as alternativas ao seu emprego atual são boas ou más?		.60			
8. De uma forma geral, em que medida as alternativas ao seu emprego atual são comparáveis com o trabalho que exerce agora?		.65			
9. Em que medida as alternativas ao seu emprego atual correspondem ao seu emprego ideal?		.62			
Tamanho do Investimento	.57		3	193	70.7
10. De uma forma geral, quanto investiu no seu presente trabalho?		.32			
11. Tomando tudo em consideração, em que medida considera que existem atividades, pessoas, eventos, bens associados ao seu trabalho que perderia se sáísse deste emprego?		.70			
12. Como compara o investimento que faz no seu trabalho com o investimento que a maioria das pessoas que conhece fazem no trabalho delas?		.39			
Compromisso	.81		4	182	66.7
13. Por quanto tempo deseja ficar neste seu trabalho atual?		.72			
14. Com que probabilidade acha que vai deixar este seu trabalho atual?		.80			
15. Qual o seu grau de compromisso relativamente a este seu trabalho atual?		.78			
16. Em que medida se sente vinculado a este seu trabalho atual?		.75			
Escala Global	.84		16		

Escala de atitudes face à infidelidade (ATIS).

A fim de avaliar os pensamentos e sentimentos que os participantes expressam sobre questões ligadas ao envolvimento extra-diádico, foi aplicada a Escala de Atitudes Face à Infidelidade (*Attitudes toward Infidelity Scale – ATIS*; Whatley, 2006), constituída inicialmente por 51 afirmações. Posteriormente a uma análise fatorial exploratória, método de máxima verossimilhança e com rotação *varimax*, o autor extraiu 15 itens que possuíam índices de saturação iguais ou superiores a 1 (*eigenvalue*), e pela análise do gráfico *scree plot* foi identificada uma estrutura fatorial unidimensional (i.e., apenas com um fator - Infidelidade). A escala final possui 12 itens (6 itens formulados positivamente, e.g., “Ser infiel nunca fez mal a ninguém”; e outros 6 itens expressam uma conotação negativa, e.g., “A infidelidade numa relação amorosa é motivo para separação”). Numa escala de resposta de sete

pontos de *Likert*, variando entre 1="Discordo Totalmente" a 7="Concordo Totalmente" (ver Anexo D) é pedido aos participantes em que medida concordam ou discordam com o conjunto de afirmações que são apresentadas relativas ao fenómeno infidelidade (ver Quadro 4).

No que concerne à sua cotação, os itens formulados na negativa (itens 2, 5, 6, 7, 8 e 12) terão de ser invertidos (1=7 a 7=1). O *score* varia entre um mínimo de 12 pontos e um máximo de 84 pontos (i.e., entre uma baixa e uma elevada aceitação da infidelidade). Uma obtenção de 48 pontos corresponde à pontuação média entre desaprovar/aceitar totalmente o envolvimento extra-diádico.

Relativamente à análise da estimativa de fidelidade da medida ATIS (versão validada por Pereira et al., 2017), a análise de consistência interna (através da leitura do Coeficiente de Alfa de *Cronbach*) revelou que a escala expressou uma boa consistência interna ($\alpha = .75$). No presente estudo, os resultados apresentados no quadro 4 revelaram também um bom índice de fidelidade interna ($\alpha = .84$). Como tal, não foi necessário retirar nenhum item por forma a melhorar o coeficiente.

Quadro 4. Propriedades Psicométricas da escala Atitudes Face à Infidelidade (ATIS)

Itens	Alfa de Cronbach		f	%
	α	α se o item retirado		
1. Ser infiel nunca fez mal a ninguém		.72		
2. A infidelidade numa relação amorosa é motivo para separação		.71		
3. A infidelidade é aceitável como forma de retaliação à infidelidade		.74		
4. É natural as pessoas serem infiéis		.72		
5. Comportamentos online (por exemplo, conversas online, ver sites pornográficos) são um ato de infidelidade		.73		
6. A infidelidade é moralmente errada em qualquer circunstância, independentemente da situação		.69		
7. Ser infiel numa relação é uma das coisas mais indecentes que uma pessoa pode fazer		.69		
8. Se duas pessoas estão juntas, a infidelidade é inaceitável em qualquer circunstância		.70		
9. Eu não me importaria se o/a meu/minha parceiro/a tivesse um caso, desde que eu não soubesse		.72		
10. Seria aceitável para mim ter um caso, mas não aceitaria que o/a meu/minha parceiro/a tivesse um		.73		
11. Eu teria um caso se soubesse que o/a meu/minha parceiro/a nunca iria descobrir		.73		
12. Se eu soubesse que o/a meu/minha parceiro/a me era infiel, eu confrontá-lo/a-ia		.75		
Escala Global	.74		193	70.7

Procedimento

O processo através do qual se constituiu a amostra foi através da amostragem não aleatória, via amostra por conveniência e por bola de neve (i.e., foi selecionado o grupo de participantes no qual o investigador tem interesse para a sua investigação).

Para a realização deste estudo, a recolha de dados foi realizada através da plataforma online *Qualtrics* (<https://www.qualtrics.com/>). Esta providenciou um *hiperlink*, o qual foi

partilhado por via de diversas redes sociais (e.g., *Facebook* e *Instagram*). Antes de dar início ao estudo, foi dado a conhecer aos participantes que a investigação iria recolher informações acerca das formas como vêm o seu trabalho e como se relacionam com os outros e com os seus parceiros/as. Adicionalmente, foram dadas a conhecer as considerações éticas (i.e., confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, desistência da participação voluntária), juntamente com o tempo médio da participação ($M = 16$ min), pelo que não houve tempo limite na participação do estudo.

Na abertura do questionário, foram apresentadas 17 questões de cariz sociodemográfico para caracterização da amostra, juntamente com questões associadas aos fatores de relacionamento. Em seguida, os itens referentes à escala ATIS, a aplicação do IMS de Rusbult no Trabalho, e por fim os itens de cada dimensão da IMS-S relativamente às Relações. No término do questionário, a equipa de investigação agradeceu aos participantes pela sua colaboração e foi indicado um *email* alocado ao projeto, afim de esclarecer possíveis dúvidas, os indivíduos obterem mais informações acerca do estudo ou ainda acrescentarem algum comentário à investigação.

Resultados

O presente capítulo visa analisar quantitativamente os resultados obtidos dos instrumentos aplicados. Como tal, os primeiros dados estatísticos são referentes às características descritivas (médias e desvio-padrão) da escala do Modelo Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho, a variável Atitudes Face à Infidelidade e a Infidelidade Objetiva. Em seguida são apresentadas as correlações entre as dimensões de cada modelo e as duas variáveis dependentes (ATIS e Infidelidade Objetiva). Posteriormente, são apresentadas as correlações entre as variáveis sociodemográficas, em seguida, é apresentada a Regressão Linear Múltipla (RLM) referente à variável ATIS e a Regressão Logística Binária (RLB) para estudar a variável Infidelidade Objetiva. Seguidamente apresentado um novo indicador que denominámos de *match* ou *mismatch*, este inclui três categorias: (a) *mismatch* trabalho; (b) equilíbrio ou *match*; e (c) *mismatch* relações, as quais cada dimensão do Modelo do Investimento contempla. Este indicador será estudado através de teste *t* para uma amostra. Por fim, foi efectuada uma Análise de Variância *One-Way* para a ATIS e analisada a variável critério (Infidelidade Objetiva) através de testes não paramétricos de independência do tipo Qui-Quadrado.

Estatísticas Descritivas das Escalas e Correlações entre as Dimensões dos Modelos, Atitudes Face à Infidelidade, Infidelidade Objetiva e variáveis sociodemográficas

O quadro 5 apresenta a medida de tendência central (i.e., média) e de dispersão (i.e., desvio-padrão) relativamente às dimensões do Modelo do Investimento de Rusbult nas Relações e no Trabalho e variáveis em estudo (i.e., Atitudes Face à Infidelidade e Infidelidade Objetiva).

Adicionalmente, com o objetivo de investigar com maior detalhe a relação entre as dimensões do Modelo de Rusbult e algumas variáveis de cariz sociodemográfico com as variáveis critério, foram analisados os coeficientes de correlação significativos (*r* pearson e χ^2 qui-quadrado). A leitura destes variou em função da natureza das variáveis (i.e., quantitativas ou qualitativas). No quadro 5 apenas se apresentam as correlações que se revelaram significativas.

Quadro 5. Estatísticas Descritivas das Dimensões dos Modelos e Variáveis Dependentes e Correlações entre as Dimensões e as Variáveis Dependentes (*r* pearson, χ^2 qui-quadrado e, ρ rho spearman e significância)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>n</i>	%	Atitudes Face à Infidelidade		Infidelidade Objetiva	
					<i>r</i>	χ^2	<i>r</i>	χ^2
IMS-S nas Relações								
Satisfação	5.85	1.39			-.32**			40.04***
Qualidades das Alternativas	2.00	1.22			.39**			30.02*
Tamanho do Investimento	4.05	1.74						
Compromisso	6.39	1.21			-.35**			44.01***
IMS no Trabalho								
Satisfação	4.70	1.54						
Qualidades das Alternativas	3.77	1.34						
Tamanho do Investimento	4.90	1.20						
Compromisso	5.13	1.49						62.48***
Atitudes Face à Infidelidade	1.90	0.76						
Infidelidade Objetiva								
Sim			17	6.2				
Não			135	49.5				
Sociodemográficas								
Idade					.27**			
Duração da Relação					.19**			
Tempo na Organização					.18*			
O Companheiro trabalha na Empresa						51.24*		

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$. *DP*: desvio-padrão. Graus de liberdade do coeficiente de correlação Qui-Quadrado para a variável dependente Atitudes Face à Infidelidade e Infidelidade Objetiva = 34 e 15 respetivamente.

Relativamente às estatísticas descritivas das sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho e ainda das variáveis critério (i.e., Atitudes Face à Infidelidade e Infidelidade Objetiva), os resultados do quadro 5 demonstraram uma variação de médias e desvio-padrão para as quatro dimensões do Modelo de Rusbult aplicado às Relações ($2.00 < M < 6.39$; $1.21 < DP < 1.74$). Para o Modelo de Rusbult aplicado às Relações é possível identificar, em média, uma elevada satisfação e compromisso com os seus relacionamentos ($M = 5.85$, $DP = 1.39$; $M = 6.39$, $DP = 1.21$ respetivamente). Por outro lado,

os indivíduos, em média, expressaram uma baixa qualidade percebida das alternativas ($M = 2.00$; $DP = 1.22$) e um reduzido incremento médio acima do limiar de investimento ($M = 4.05$, $DP = 1.74$). Em seguida, os indivíduos avaliaram, em média, negativamente o envolvimento extra-diádico ($M = 1.90$; $DP = .76$).

Na escala do Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho, os resultados registaram uma variação de médias entre 3.76 e 5.13 e o desvio-padrão entre 1.20 e 1.54. Os indivíduos expressaram, em média, um elevado compromisso e um nível moderado de satisfação e investimento com a sua atividade profissional ($M = 5.13$, $DP = 1.49$; $M = 4.70$, $DP = 1.54$; $M = 4.90$, $DP = 1.20$ respetivamente). No entanto, a qualidade percebida de alternativas aos seus empregos é menor ($M = 3.77$, $DP = 1.34$). Por último, a maioria dos indivíduos referiram nunca se terem envolvido num relacionamento extra-diádico no decurso do seu relacionamento amoroso ($n = 135$), contrariamente a 17 indivíduos que referiram terem sido infiéis para com os seus parceiros amorosos.

Através da análise de correlações entre as seis primeiras dimensões do Modelo de Rusbult aplicado às relações, os resultados demonstraram que a sub-escala satisfação está negativamente correlacionada com as Atitudes Face à Infidelidade, apresentando uma intensidade baixa, $r = -.32$, $p < .01$, e positivamente associada à Infidelidade Objetiva, $\chi^2 (15) = 40.04$, $p < .001$. Ao passo que a sub-escala das Qualidades das Alternativas registou uma correlação positiva com as Atitudes Face à Infidelidade, com uma intensidade baixa, $r = .39$, $p < .01$ e está positivamente associada à Infidelidade Objetiva, $\chi^2 (15) = 30.02$, $p < .05$. Por fim, a sub-escala do Compromisso encontra-se negativamente correlacionada com as Atitudes Face à Infidelidade, com uma intensidade baixa, $r = -.35$, $p < .01$ e positivamente associada à Infidelidade Objetiva, $\chi^2 (15) = 44.01$, $p < .001$.

Relativamente às variáveis de cariz sociodemográfico, a Idade dos indivíduos encontra-se positivamente correlacionada com as Atitudes Face à Infidelidade, com uma intensidade baixa, $r = .27$, $p < .01$. Ao passo que a Duração da Relação e o Tempo na Organização estão correlacionados positivamente com as Atitudes Face à Infidelidade, $r = .19$, $p < .01$, $r = .18$, $p < .05$ respetivamente. Ambas as correlações apresentaram uma intensidade muito baixa. Por fim, a variável O Companheiro trabalha na Empresa encontra-se positivamente associada com as Atitudes Face à Infidelidade, $\chi^2 (34) = 51.24$, $p < .05$.

Correlações entre as Dimensões dos Modelos e variáveis sociodemográficas

O quadro 6 apresenta os vários coeficientes de correlação na análise do grau de associação entre as dimensões da escala do Modelo de Rusbult (i.e., Relações e Trabalho) e algumas variáveis de cariz sociodemográfico. Note-se que a leitura dos coeficientes de correlação variou em função da natureza das variáveis (i.e., quantitativas ou qualitativas). Apenas são apresentadas as relações significativas.

Quadro 6. Correlações entre as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho e as variáveis sociodemográficas (*r* pearson, χ^2 qui-quadrado, ρ rho spearman e significância)

	Sexo	Companheiro trabalha na Empresa	Coabitação	Duração da Relação	Tempo na Organização	Habilitações
	χ^2 (gl)	χ^2 (gl)	χ^2 (gl)	<i>r</i>	<i>r</i>	ρ
IMS-S nas Relações						
Satisfação			30.90* (16)			
Qualidades das Alternativas	34.13** (15)		25.96* (15)			
Tamanho do investimento	31.18* (17)					
Compromisso	37.20** (18)		34.60* (18)			
IMS no Trabalho						
Satisfação						
Qualidades das Alternativas					-.16*	.17*
Tamanho do Investimento		29.21* (18)				.19**
Compromisso				.17*	.28**	

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$. gl: graus de liberdade.

No que respeita à análise da relação entre as dimensões do Modelo de Rusbult e as variáveis sociodemográficas, o coeficiente de correlação (qui-quadrado) demonstrou uma associação positiva entre o Modelo de Rusbult aplicado às Relações, na sub-escala da Satisfação com a Coabitação, $\chi^2(16) = 30.90, p < .05$. A sub-escala das Qualidades das Alternativas está positivamente associada com o Sexo e com a Coabitação, $\chi^2(15) = 34.13, p < .01, \chi^2(15) = 25.96, p < .05$ respetivamente. A sub-escala Tamanho do Investimento encontra-se positivamente associada com o Sexo, $\chi^2(17) = 31.18, p < .05$. Por fim, os resultados revelaram uma associação entre o nível de Compromisso com o Sexo e com a Coabitação, $\chi^2(18) = 37.204, p < .01, \chi^2(18) = 34.609, p < .05$ respetivamente.

O Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho, através do coeficiente de correlação (*r* pearson) revelou que algumas das dimensões estão correlacionadas com as variáveis sociodemográficas, como é o caso da sub-escala Qualidades das Alternativas encontra-se negativamente correlacionada com o Tempo na Organização, $r = -.16, p < .05$. Ao passo que a sub-escala do Compromisso encontra-se positivamente correlacionada com a Duração da Relação e o Tempo na Organização, $r = .17, p < 0.05, r = .28, p < 0.01$ respetivamente.

Por último, através do coeficiente de correlação (*rho spearman*) a sub-escala Qualidades das Alternativas e a do Tamanho do Investimento encontraram-se positivamente correlacionadas com as Habilitações Escolares, $\rho = .17, p < .05$, $\rho = .19, p < .01$ respetivamente.

Regressão Linear Múltipla: Explicação da variável critério Atitudes Face à Infidelidade através das dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho, e variáveis sociodemográficas

Com a finalidade de compreender se a variável critério Atitudes Face à Infidelidade estava associada com as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho e algumas variáveis sociodemográficas, procedeu-se à análise de uma Regressão Linear Múltipla (RLM) apresentada no quadro 7. Através da separação por blocos, foram introduzidas por ordem de importância contributiva as variáveis que descrevem a variação da variável critério ATIS. Como tal, em primeiro lugar foram regredidas (Modelo 1) as variáveis sociodemográficas (i.e., Sexo, Idade e Habilitações Escolares), seguida (Modelo 2) de outras variáveis sociodemográficas (i.e., Duração da Relação; Tempo na Organização; Coabitação e se o Companheiro trabalha na Empresa). Posteriormente, incluíram-se as sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho (Modelo 3), e por fim as sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado às Relações (Modelo 4). Assim, o objetivo foi compreender a contribuição de diferentes grupos de variáveis na descrição do fenómeno ATIS. Mais, à medida que cada grupo de variáveis é inserido nos modelos sucessivos de regressão, a explicação que têm sobre a variável critério é controlada pelo grupo de variáveis anteriormente regredido (e.g., quando inserimos o primeiro conjunto de variáveis sociodemográficas, estas são controladas pelo modelo de regressão nulo). Neste sentido, observa-se um incremento de variação explicada da variável ATIS.

Quadro 7. Coeficientes de Regressão Estandarizados (β) na explicação das Atitudes Face à Infidelidade

	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
Sociodemográficas				
Sexo	.097	.081	.069	-.017
Idade	.266*	.264*	.284*	.276*
Habilitações Escolares	-.011	-.017	-.020	-.004
O Companheiro trabalha na Empresa		-.072	-.073	-.085
Duração da Relação		.088	.075	.038
Tempo na Organização		-.029	-.006	-.004
Coabitação		.255*	.255*	.159*
IMS no Trabalho				
Satisfação			.090	.066
Qualidades das Alternativas			-.001	-.004
Tamanho do Investimento			-.036	-.082
Compromisso			-.102	-.045
IMS-S nas Relações				
Satisfação				.026
Qualidades das Alternativas				.346**
Tamanho do Investimento				.019
Compromisso				-.147
Adjusted R^2	.066	.107	.091	.226
ΔR^2	.083	.145	.153	.297
ΔF	4.80**	3.77**	2.47**	4.14***

Nota: Sexo [0 = feminino, 1 = masculino]; O Companheiro trabalha na Empresa [0 = sim, 1 = não] e Coabitação [0 = sim, 1 = não]. ΔR^2_{IMS-S} : diferença de R^2 entre o Modelo 3 e o Modelo 4; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

O coeficiente de determinação ajustado ($R^2_{Adjusted}$) permitiu analisar a variação explicada do presente modelo (i.e., qualidade deste), o qual explica 22.6% da variabilidade total do índice de Atitudes Face à Infidelidade ($R^2_{Adjusted} = .226$), ficando os restantes 77.4% a dever-se a variáveis não identificadas. No que respeita à adequabilidade do modelo linear, procedeu-se ao teste F , este revelou que o modelo linear é adequado para explicar a existência de um efeito significativo entre pelo menos uma das variáveis explicativas das Atitudes Face à Infidelidade, $F(15, 174) = 4.14, p < .001$. Sendo que a variação total do índice das Atitudes Face à Infidelidade é explicada em 14.4% ($R^2 = .144$) pelo Modelo de Rusbult aplicado às Relações, este resultado revela a importância deste modelo na variação das diversas perspetivas que os indivíduos têm acerca do envolvimento extra-diádico. Note-se que os restantes 15.3% da variação destas é explicada pelos restantes fatores regredidos anteriormente (i.e., Variáveis sociodemográficas, e o Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho).

Com base no cálculo da estimativa estandarizada para o coeficiente de regressão (β), este foi analisado por forma a eliminar a questão de estudar eventuais variáveis independentes com unidades de medida distintas. Os resultados indicaram que a variável Idade e Coabitação

expressam um efeito nas Atitudes Face à Infidelidade, $\beta = .276$, $t(147) = 2.141$, $p < .025$, $\beta = .159$, $t(147) = 1.998$, $p < .05$ respetivamente. Por último, a sub-escala Qualidades das Alternativas foi a única variável que registou uma contribuição explicação da variável dependente, $\beta = .346$, $t(147) = 4.208$, $p < .001$. Nenhum outro resultado alcançou valores de significância.

Regressão Logística Binária: Associação entre as variáveis exógenas (sociodemográficas e as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho) e a variável endógena Infidelidade Objetiva

Segundo Tabachnick e Fidell (2014) quando se procede a uma Regressão Logística, resulta da utilização de pelo menos uma ou mais variáveis independentes, na qual é expectável uma relação não linear na distribuição de respostas dos indivíduos na variável dependente.

Assim, pretendeu-se analisar a infidelidade objetiva dos participantes deste estudo, segundo a combinação dos valores observados num conjunto de variáveis exógenas da Infidelidade Objetiva (i.e., variáveis de cariz sociodemográfico e as dimensões subjacentes à escala do Modelo de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho). Procedeu-se a uma análise de Regressão Logística Binária (RLB), no qual a Infidelidade Objetiva (1 = “Não” e 0 = “Sim”) foi a variável critério. Através da separação por blocos, foram introduzidas por ordem de importância contributiva as variáveis que descrevem a variação da variável Infidelidade Objetiva. Em primeiro lugar, procedeu-se à introdução de variáveis sociodemográficas (i.e., Sexo, Idade e Habilitações Escolares) foram regredidas (Modelo 1), em seguida (Modelo 2) outras variáveis de cariz sociodemográfico (i.e., Duração da Relação; Tempo na Organização; Coabitação e se o Companheiro trabalha na Empresa). Posteriormente, as sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho (Modelo 3), e por fim, as sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado às Relações (Modelo 4). Como tal, em primeiro lugar foram regredidas (Modelo 1) as variáveis sociodemográficas (i.e., Sexo, Idade e Habilitações Escolares), seguida (Modelo 2) de outras variáveis sociodemográficas (i.e., Duração da Relação; Tempo na Organização; Coabitação e se o Companheiro trabalha na Empresa). Posteriormente, incluíram-se as sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado ao Trabalho (Modelo 3), e por fim as sub-escalas do Modelo de Rusbult aplicado às Relações (Modelo 4). O objetivo foi compreender a contribuição de diferentes grupos de variáveis na descrição do envolvimento extra-diádico. Para além do mais, à medida que cada grupo de variáveis é inserido nos

modelos sucessivos de regressão, a explicação que têm sobre a variável explicada é controlada pelo grupo de variáveis anteriormente regredido (e.g., ao inserir o primeiro conjunto de variáveis sociodemográficas, estas são controladas pelo modelo de regressão nulo). Neste sentido, observa-se um incremento de variação explicada da variável infidelidade objetiva.

Quadro 8. Regressão Logística Hierárquica para a Infidelidade Objetiva - fatores determinantes (valores não estandardizados)

	Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3				Modelo 4			
	B	EP	OR [95%CI]	Wald	B	EP	OR [95%CI]	Wald	B	EP	OR [95%CI]	Wald	B	EP	OR [95%CI]	Wald
Sociodemográficas																
Sexo	-.93	.60	.39 [.12; 1.27]	2.42	-.97	.62	.37 [.11; 1.27]	2.46	-.99	.65	.36 [.10; 1.33]	2.97	-.52	.81	.59 [.12; 2.91]	.41
Idade	-.04	.02	.95 [.90; 1.01]	2.56	-.06	.04	.93 [.86; 1.01]	2.33	-.07	.04	.92 [.84; 1.01]	2.97	-.07	.05	.92 [.83; 1.03]	1.99
Habilitações	-.40	.02	.66 [.37; 1.19]	1.84	-.38	.29	.68 [.38; 1.21]	1.71	-.53	.33	.58 [.30; 1.12]	2.56	-1.05*	.45	.34 [.14; .84]	5.44
Companheiro trabalha na Empresa					-19.10	9205.51	.00 [.00; -]	.00	-19.33	8869.63	.00 [.00; -]	.00	-19.10	8487.60	.00 [.00; -]	.00
Duração da Relação					.00	.00	1.00 [.99; 1.00]	.00	-.00	-.00	.99 [.99; 1.00]	.04	.00	.00	1.00 [.99; 1.01]	.03
Tempo na Instituição					.00	.00	1.00 [.99; 1.01]	.50	.00	.00	1.00 [.99; 1.01]	.97	.00	.00	1.00 [.99; 1.01]	.34
Coabitação					-.10	.02	.90 [.26; 3.05]	.02	-.09	.65	.90 [.25; 3.26]	.02	1.32	.90	3.75 [.64; 21.91]	2.16
IMS no Trabalho																
Satisfação									.22	.25	1.25 [.76; 2.06]	.81	.25	.30	1.29 [.71; 2.34]	.71
Qualidades das Alternativas									.37	.24	1.45 [.89; 2.37]	2.30	.52**	.30	1.69 [.94; 3.05]	3.07
Tamanho do Investimento									-.05	.28	.95 [.54; 1.66]	.03	.16	.32	1.18 [.62; 2.24]	.26
Compromisso									.16	.25	1.17 [.71; 1.94]	.39	.06	.31	1.06 [.58; 1.95]	.04
IMS-S nas Relações																
Satisfação													-.07	.37	.93 [.44; 1.95]	.03
Qualidades das alternativas													-.35	.25	.70 [.42; 1.16]	1.88
Tamanho do Investimento													-.29	.23	.74 [.46; 1.19]	1.48
Compromisso													.99*	.46	2.70 [1.09; 6.66]	4.65

Nota: Sexo [0 = feminino, 1 = masculino]; O Companheiro trabalha na Empresa [0 = sim, 1 = não] e Coabitação [0 = sim, 1 = não]. EP: erro-padrão. Graus de liberdade do Teste Wald = 1. OR: rácio de odd. CI: intervalo de confiança. gl: graus de liberdade; * $p < .05$; ** $p = .07$

Com base nos resultados provenientes da análise à variável Infidelidade Objetiva em função de diversas variáveis explicativas, os resultados apresentados no quadro 10 revelaram no que respeita à inferência acerca do modelo (teste Qui-Quadrado), a diferença entre os dois modelos (i.e., nulo e ajustado) é significativa, $\chi^2(15) = 35.034, p < .01$. Por outras palavras, o presente modelo aquando da inclusão das variáveis independentes é significativamente melhor que sem estas. Posteriormente, no que concerne à avaliação da qualidade do modelo, os resultados do Modelo 4 ($R^2_{Nagelkerke} = .410$) mostraram que este explica 41% da variação da Infidelidade Objetiva. Neste sentido, o envolvimento extra-conjugal está associado com as Habilitações e com o Compromisso que os indivíduos expressam com as suas relações românticas (ambos com $p < .05$), e com as alternativas existentes aos seus empregos ($p = .07$). Nenhum outro resultado foi estatisticamente significativo para explicar a variação do envolvimento extra-diádico efetivo.

Analisando a inferência a partir das variáveis explicativas através do teste *Wald*, os resultados mostraram que quanto mais habilitações os indivíduos possuírem, menor a expressão destes não serem infiéis, isto é, a variável habilitações escolares tem um impacto negativo no envolvimento extra-diádico, $B = -1.05, W(1) = 5.44, p < .05$. Ao passo que os indivíduos ao percecionarem maiores alternativas ao seu trabalho e expressarem um elevado compromisso com as suas relações amorosas, estas duas dimensões irão repercutir-se numa maior em comportamentos não infiéis, $B = .52, W(1) = 3.07, p = .07, B = .99, W(1) = 4.65, p < .05$ respetivamente. Por outras palavras, enquanto as restantes dimensões do Modelo de Rusbult aplicado às Relações (i.e., Satisfação, Qualidades das Alternativas e Tamanho do Investimento) e ao Trabalho (i.e., Satisfação, Tamanho do Investimento e Nível de Compromisso) não acrescentam valor no que toca ao aumento do envolvimento extra-diádico, as alternativas existentes à atividade profissional que os indivíduos exercem e ainda sentirem-se vinculados psicologicamente aos seus relacionamentos amorosos têm impacto positivo sobre a não envolvimento extra-diádica.

Estatísticas Descritivas entre as categorias do novo Indicador

Com o objetivo de explorar melhor os dados, foi construído um novo indicador que mostra a diferença de pontuação média que é dada entre o modelo das relações e o modelo do

trabalho, resultando numa escala que varia entre - 6 (*mismatch* trabalho) a + 6 pontos (*mismatch* relações), sendo o ponto médio da escala (i.e., ponto 0) a existência do equilíbrio que indivíduos expressam entre as duas dimensões (i.e., relações românticas e esfera do trabalho).

Note-se que a recodificação do novo indicador despoletou uma nova distribuição da amostra em função das categorias criadas. Como tal, a análise dessa distribuição pode ser observada em anexos (ver Anexo E).

Quadro 9. *Comparação de Médias realizado através do teste t*

Dimensões <i>Match/Mismatch</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	Teste t para uma amostra		
			<i>gl</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Satisfação	1.24	1.94	164	8.20	.000
Qualidades das Alternativas	-1.74	1.82	166	-12.27	.000
Tamanho do Investimento	-.71	2.03	165	-4.53	.000
Compromisso	1.37	1.86	162	9.39	.000

Foram realizados testes *t* para o ponto médio da escala (valor de teste = 0; ver Quadro 9) por forma a averiguar a funcionalidade do novo indicador criado (i.e., verificar a tendência dos indivíduos face a cada categoria). Os resultados revelaram que para todas as dimensões *match/mismatch* existem diferenças significativas no posicionamento dos indivíduos relativamente às categorias do novo indicador – *mismatch* trabalho, *match*, e *mismatch* relações, $p < .000$ respetivamente. Os indivíduos na sub-escala da Satisfação e do Compromisso tendem a expressar mais estas duas dimensões nas suas relações ($M = 1.24$, $DP = 1.94$; $M = 1.37$, $DP = 1.86$ respetivamente). Por outro lado, os indivíduos na sub-escala das Qualidades das Alternativas e do Tamanho do Investimento expressá-las mais relativamente ao trabalho ($M = -1.74$, $DP = 1.82$, $M = -.71$, $DP = 2.03$ respetivamente). Por outras palavras, para cada sub-escala é observável a tendência distributiva da amostra para *mismatch* entre as relações e a atividade profissional.

Análise de Variância Univariada

De acordo com o segundo objetivo do presente estudo, procedeu-se a uma análise *One-Way ANOVA*, por forma a explorar as diferenças entre as três categorias do indicador expressam na ATIS. Por outras palavras, verificar se existem diferenças na opinião dos indivíduos acerca do que pensam e sentem sobre questões relacionadas com a infidelidade, nas diferentes categorias das dimensões do indicador.

Os resultados obtidos (ver Anexo F) mostraram que existem diferenças significativas nas perspectivas que os indivíduos têm acerca do envolvimento extra-diádico quando percecionam alternativas especificamente no fator *mismatch* para o trabalho e *mismatch* para as relações, $F(2, 163) = 4.098, p < .05$. A comparação múltipla de médias (*Post-Hoc*) através do teste de *Tukey* permitiu verificar que os indivíduos que percecionam alternativas às suas relações, avaliam menos negativamente o envolvimento extra-diádico ($M = 2.31, DP = .81$) face aos indivíduos que têm em linha de conta outras ofertas aos seus empregos, expressam mais atitudes negativas em relação à infidelidade ($M = 1.83, DP = .68$). Nenhuma outra dimensão mostrou significância estatística para explicar a diferença entre grupos.

Associação das Dimensões Match/Mismatch e a Infidelidade Objetiva

Com vista a analisar se existe uma associação entre cada dimensão *match/mismatch* (i.e., diferença entre cada dimensão do Modelo de Rusbult aplicado às relações e ao trabalho) e a Infidelidade Objetiva dos indivíduos, procedeu-se à realização do teste de Qui-Quadrado, através da leitura da medida de associação (χ^2).

Quadro 10. Leitura da Medida de Associação (Teste Qui-Quadrado) entre Dimensões Match/Mismatch e Infidelidade Objetiva

Dimensões Match/Mismatch	Categorias do Indicador	Infidelidade Objetiva		χ^2
		Sim	Não	
		<i>n</i>	<i>n</i>	
Satisfação	Trabalho	5	27	.85
	Equilíbrio	1	7	
	Relações	11	101	
Qualidades das Alternativas	Trabalho	10	113	6.58*
	Equilíbrio	3	7	
	Relações	4	15	
Tamanho do investimento	Trabalho	10	78	.00
	Equilíbrio	1	8	
	Relações	6	49	
Compromisso	Trabalho	3	14	1.18
	Equilíbrio	3	18	
	Relações	11	103	

Nota: Graus de liberdade do Teste Qui-Quadrado = 2; * $p < .05$

Os resultados do quadro 10 revelaram que a dimensão das Qualidades Alternativas e a Infidelidade Objetiva estão associadas, $\chi^2 (2) = 6.58, p < .05$. As categorias que mais contribuem para essa associação são os indivíduos que percebem potenciais qualidades das alternativas existentes aos seus empregos. Existem mais indivíduos que reportam não serem infiéis aos seus parceiros ($n = 113$), ao invés dos participantes que a qualidade percebida de alternativas é relativa à relação amorosa ($n = 15$). Porém, registra-se uma menor proporção no número de casos que refere ter sido infiel perante as alternativas existentes aos seus empregos e relações amorosas ($n = 10, n = 4$ respectivamente). Nenhum outro resultado alcançou valores de significância.

Discussão

Neste estudo, pretendeu-se analisar a existência de um *match* (i.e., equilíbrio) ou *mismatch* (i.e., desequilíbrio para as relações ou para o trabalho) na relação entre as dimensões que compõem o Modelo de Rusbult aplicado às relações (Rusbult, 1980, 1983) e ao trabalho (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983). Adicionalmente, analisou-se, também, o papel que a mútua influência (i.e., equilíbrio ou desequilíbrio) tem na opinião dos indivíduos acerca do envolvimento extra-diádico (i.e., Atitudes Face à Infidelidade) e na sua envolvimento real (i.e., Infidelidade Objetiva).

O Modelo de Investimento (Rusbult, 1980, 1983) surgiu com o objetivo estudar os processos subjacentes à manutenção ou rutura de uma relação (Le & Agnew, 2003). Estes determinantes são relevantes na compreensão do construto psicológico do compromisso (Rusbult et al., 2012; Rusbult et al., 2011; Rusbult et al., 1998). Assim, um elevado compromisso é observável na medida em que o indivíduo expressa satisfação com o seu parceiro romântico, uma baixa qualidade percebida de alternativas ao seu relacionamento e quando investiu neste (Agnew et al., 1998; Le & Agnew, 2003; Rodrigues & Lopes, 2013; Rusbult & Buunk, 1993; Rusbult, 1983; Rusbult et al., 2011). Porém, o presente estudo não tinha como objetivo compreender a manutenção ou rutura das relações. Como tal, esta variável passou a ser uma potencial variável explicativa das nossas variáveis critério. No entanto, este modelo também já foi implementado em contextos exteriores à esfera amorosa (Le & Agnew, 2003; Rodrigues & Lopes, 2013). No que respeita ao presente estudo, o compromisso já foi estudado em contexto organizacional por Farrel e Rusbult (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983), assim como por Drigotas et al. (1999b) na explicação do fenómeno infidelidade objetiva, e por Rodrigues et al. (2016) no sentido de compreender as opiniões que os indivíduos têm acerca de questões relativas à infidelidade. Associada a esta questão, foi tomada a decisão de combinar os dois modelos (i.e., relações e trabalho) por forma a compreender o seu impacto no envolvimento extra-conjugal.

Através da análise dos resultados, primeiramente, verifica-se que todos os instrumentos apresentam qualidades psicométricas adequadas. As escalas do Modelo do Investimento de Rusbult aplicado às Relações e ao Trabalho revelam para todas as dimensões uma estimativa de fidelidade boa (IMS-S; $\alpha = .93$ na dimensão Satisfação; $\alpha = .76$ na dimensão Qualidades das Alternativas; $\alpha = .81$ na dimensão Tamanho do Investimento; e $\alpha = .92$ na dimensão do

Compromisso; IMS; $\alpha = .92$ na dimensão Satisfação; $\alpha = .71$ na dimensão Qualidades das Alternativas; $\alpha = .57$ na dimensão Tamanho do Investimento; e por fim $\alpha = .81$ na dimensão do Compromisso). Estes resultados sugerem que as dimensões subjacentes às escalas dos dois Modelos fornecem medidas válidas, que contribuem na explicação do compromisso tanto nas Relações como no Trabalho. Neste sentido, Le e Agnew (2003) afirmam que o poder explicativo destes dois modelos relativamente à manutenção de uma relação ou de um trabalho já foi amplamente analisado e validado. O mesmo sucede para a escala de Atitudes Face à Infidelidade ($\alpha = .74$), que vai ao encontro dos resultados obtidos por Pereira et al. (2017), no qual também encontraram uma boa medida de consistência interna ($\alpha = .75$). Estes resultados indicam que a escala é uma medida válida sobre a avaliação que os indivíduos fazem acerca de questões relativas ao envolvimento extra-conjugal.

Por forma a analisar a existência de uma relação entre algumas variáveis sociodemográficas e o Modelo do Investimento das Relações e do Trabalho com a opinião que os indivíduos expressam relativamente a questões acerca da infidelidade, analisámos as correlações entre estas. Como anteriormente referido, a avaliação que os indivíduos fazem sobre questões relativas ao envolvimento extra-conjugal encontra-se negativamente associada à Satisfação e Compromisso, e positivamente associada às Qualidade das Alternativas; e ainda positivamente associada com a idade, duração da relação, tempo na empresa e se o companheiro atual trabalha na empresa. Por outro lado, as habilitações encontram-se negativamente relacionadas. Note-se que nenhuma das dimensões do Modelo do Investimento aplicado ao Trabalho se relacionaram com as avaliações dos indivíduos. De facto, algumas das variáveis encontradas no presente estudo foram relacionadas segundo a literatura às disposições dos indivíduos sobre a envolvimento extra-diádica (Mattingly., 2010; Allen et al., 2005). Por outro lado, o envolvimento extra-diádico encontra-se associado à Satisfação, Qualidades das Alternativas e Compromisso com as relações. Estes resultados vão de encontro ao estudo de Drigotas et al. (1999b), no qual demonstraram uma associação entre as dimensões do Modelo do Investimento nas relações e a infidelidade real. No entanto, no presente estudo a infidelidade não mostrou estar associada à dimensão das Qualidades de Alternativas.

Por fim, relativamente às correlações entre os Modelos com algumas variáveis sociodemográficas, primeiramente os resultados mostraram que, no respeito ao IMS-S, algumas das suas dimensões encontram-se associadas ao sexo e coabitação. Por outro lado, o IMS

mostrou que a duração da relação, o tempo na organização, as habilitações e se o companheiro trabalha na empresa, encontraram-se relacionadas com algumas dimensões subjacentes ao modelo. Estes resultados convergem com a literatura. Esta refere a robustez e utilidade do modelo de Rusbult (1980, 1983; Rusbult et al., 2011; Rusbult et al., 1986). Assim, como era expectável, em quase todas as dimensões dos dois Modelos podemos ver que todas as variáveis sociodemográficas estão relacionadas em pelo menos uma dimensão.

No que concerne à análise dos fatores explicativos das Atitudes Face à Infidelidade, verificou-se que à medida que a idade aumenta, o facto dos indivíduos não coabitarem com os seus parceiros e ainda percecionarem alternativas relativamente às suas relações, expressam atitudes positivas em relação ao envolvimento extra-diádico. No entanto, estes resultados devem ser analisados com cautela, uma vez que a média amostral em relação à variável critério é baixa ($M = 1.90$). De facto, os participantes tendencialmente expressam um posicionamento mais liberal em relação ao envolvimento extra-diádico (é possível que tenha havido um incremento na média das opiniões acerca de questões relativas à infidelidade em analogia à média inicialmente mencionada). Porém, as suas opiniões continuam a situar-se abaixo do limiar de aceitação. Estes resultados indicam que apesar da coabitação não estar correlacionada com as atitudes dos indivíduos face à infidelidade, quando a inserimos em simultâneo com as restantes variáveis sociodemográficas, esta contribui significativamente na explicação da variável critério. Ao contrário de algumas outras variáveis que, apesar de estarem relacionadas com as atitudes, não acrescentam valor à sua explicação.

Em seguida, os resultados da leitura relativa à contribuição dos diferentes grupos de variáveis na descrição do fenómeno infidelidade objetiva mostram quanto maior for o grau de escolaridade, mais baixa a envolvimento dos indivíduos em atos infieis. Segundo DeMaris (2009), as habilitações apresentaram-se relacionadas com a probabilidade de ser infiel. Porém, os resultados obtidos no presente estudo são parcialmente corroborados pela literatura, através da associação que a educação tem no envolvimento extra-conjugal, sendo diferente, contudo, o sentido da explicação. De acordo com o estudo de Atkins et al. (2001), à medida que os indivíduos vão possuindo um maior grau de escolaridade, aumenta a possibilidade de se envolverem com um parceiro exterior. Ao invés, o estudo de Shaw, Rhoades, Allen, Stanley e Markman (2013) mostrou-nos a inexistência de uma relação entre estas variáveis, ou seja, a escolaridade não foi associada à infidelidade. Tais conclusões levam a crer que presumivelmente,

existirão outros fatores que moderam ou medeiam a influência que a educação tem na infidelidade real (Mark, Janssen, & Milhausen, 2011).

Relativamente ao segundo resultado encontrado, quanto maior a percepção de qualidades alternativas à sua atividade profissional, maior também será a não envolvimento em relações exteriores às atuais, sendo também estes resultados apoiados pela literatura. A qualidade percebida de alternativas ao emprego dos indivíduos impulsiona-os a canalizarem toda a sua motivação para o seu interesse em haver uma possível mudança nos seus empregos (Rusbult & Lowery, 1985), o que se reflete na importância que a atividade profissional tem nas vidas dos participantes (Perista et al., 2016). Os resultados obtidos na explicação da infidelidade objetiva através do compromisso nas relações, isto é, a não envolvimento extra-diádica é explicada por um elevado compromisso que os indivíduos expressam com as suas relações. Este resultado é corroborado pelo estudo de Drigotas et al. (1999b). Os autores mostraram que o compromisso estava negativamente correlacionado com a infidelidade, ou seja, quanto mais os indivíduos estão comprometidos com as suas relações, menor a envolvimento em relações extra-conjugais. O mesmo sucedeu com os resultados do estudo de Rodrigues e Lopes (2016), quando mostraram que o compromisso estava associado negativamente à envolvimento dos indivíduos em relações extra-conjugais. Este resultado leva a inferir que aquando da inserção do Modelo do Investimento de Rusbult nas Relações, a dimensão com maior relevância na explicação da infidelidade é o nível de compromisso na relação. De acordo com Shaw et al. (2013), este é o fator com maior consistência da infidelidade, servindo como um fator de orientação do comportamento dos indivíduos a curto e longo prazo (Drigotas & Barta, 2001).

O envolvimento extra-diádico é explicado em 14.8% por variáveis de cariz sociodemográfico e em 22.9% pelo Modelo do Investimento nas Relações.⁷ Estes resultados estão de acordo com a literatura, os fatores relacionais (e.g., nível de compromisso) foram os antecedentes que melhor explicam o envolvimento extra-diádico, ao invés de determinantes caracterizados pela sua inflexibilidade (e.g., variáveis sociodemográficas; Shaw et al., 2013). O mesmo sucede na explicação das reações dos indivíduos face à infidelidade, estas são explicadas em 14.4% pelo Modelo do Investimento de Rusbult nas Relações e em 6.2% por variáveis de cariz sociodemográfico.

⁷ O resultado destes dois poderes explicativos advém da análise da realização de duas regressões logísticas binárias individuais, por forma a compreender o quanto a nossa variável critério (Infidelidade Objetiva) é explicada individualmente por algumas variáveis sociodemográficas, e pelo Modelo do Investimento aplicado às Relações.

Por fim, referimo-nos à construção do novo indicador *match* ou *mismatch* referente às três categorias que denominámos por: (a) *mismatch* para o trabalho; (b) *match* em ambos os domínios; e (c) *mismatch* para as relações.

Através dos resultados obtidos da análise à medida de tendência central (i.e., média), os indivíduos posicionam-se satisfatoriamente e vinculados psicologicamente às suas relações amorosas. Por outro lado, a qualidade percebida de alternativas e o investimento que fazem situam-se ao nível das suas atividades profissionais. Neste sentido, os resultados mostram que o indicador é válido, ou seja, o facto de em cada dimensão (i.e., Satisfação, Qualidades das Alternativas, Tamanho do Investimento e Nível de Compromisso), o posicionamento dos participantes oscila entre as novas categorias do indicador: (a) trabalho; e (b) relações.

Relativamente às reações que expressam sobre a temática envolvimento extra-conjugal, os indivíduos quando têm em linha de conta ofertas exteriores aos seus relacionamentos, expressam uma tendência de aceitação da infidelidade, ainda que as suas avaliações se situem abaixo do limiar desta. Por outro lado, os indivíduos entre os quais a qualidade percebida de ofertas é relativa aos seus empregos, tendem a não aceitar o envolvimento extra-diádico. Neste contexto, julgamentos negativos levam a uma tendência para que o indivíduo rejeite a envolvimento com o objeto atitude (Ajzen & Fishbein, 2000). Os resultados deste *mismatch* é corroborado também pelo desequilíbrio existente de envolvimento extra-diádico aquando da perceção de alternativas tanto para as relações como para o trabalho. Como referido, a avaliação é mais negativa quando as alternativas são referentes ao trabalho. Observa-se, assim, um maior número de indivíduos que são fieis. Por outro lado, quando a perceção de ofertas é relativa às relações, o número de sujeitos é menor quando relatam um não envolvimento extra-conjugal (uma vez que expressaram uma tendência de aceitação face à infidelidade).

Adicionalmente, a literatura refere que à medida que o indivíduo avança para o envolvimento extra-conjugal, a sua avaliação acerca do fenómeno pode alterar-se (Allen et al., 2005). Neste contexto, os resultados do presente estudo mostram que, ainda que em minoria no domínio do trabalho e no das relações, alguns participantes relatam terem sido infiéis (apesar de tendencialmente avaliarem negativamente o fenómeno infidelidade). Assim, os atos de infidelidade geralmente são inaceitáveis (Drigotas et al., 1999b; Feldman & Cauffman, 1999; Fife et al., 2008; Jackman, 2015). Porém, os indivíduos envolvem-se em algum momento das suas vidas (Drigotas et al., 1999b; Feldman & Cauffman, 1999).

O presente estudo não é isento de limitações. Em primeiro lugar, generalizar os seus resultados é um dos obstáculos face ao reduzido tamanho amostral, concretamente indivíduos de orientação heterossexual, de nacionalidade portuguesa, exercendo uma atividade profissional e num relacionamento. Estudos futuros devem analisar uma sub-amostra representativa, isto é, integrar o número de indivíduos suficientes para que os resultados possam ser generalizados à população. De facto, investigações que contemplam um tamanho de amostra reduzido, limitam-se a indivíduos de orientação heterossexual (Blow & Hartnett, 2005). A técnica de amostragem foi por conveniência, o que nos impossibilita também de generalizar os resultados a outras populações. Para superar tal limitação, é necessário uma recolha de dados mais precisa sobre o fenómeno infidelidade, bem como são necessárias investigações que contemplem variáveis como: (a) sexo; (b) etnia; (c) grau de habilitação escolar; (d) estatuto socioeconómico (Blow e Hartnett, 2005); e (e) orientação sexual (Blow & Hartnett, 2005; Rodrigues et al., 2016). Deste modo, analisar todas as variantes de cada grupo poderá levar a resultados interessantes, na medida em que, em função de cada tipo de relação, o envolvimento extra-diádico tem significados distintos, e por sua vez níveis de prevalência. Como tal, analogias poderão ser realizadas entre os tipos de relacionamentos em vários estudos de envolvimento extra-diádico (Blow & Hartnett, 2005). Além do mais, as respostas dadas pelos indivíduos, normalmente, sofrem influência da desejabilidade social (Jackman, 2015; McNulty & Brineman, 2007), uma vez que a sua sinceridade poderia desencadear efeitos depreciativos pelo investigador, e, concomitantemente o facto de o possível envolvimento extra-diádico passar a ser do conhecimento do parceiro (Blow & Hartnett, 2005; Drigotas & Barta, 2001). No entanto, procurou-se que os participantes ultrapassassem este constrangimento, referindo de início que o questionário era anónimo e confidencial. Porém, sugerimos antes do preenchimento de cada medida, o investigador relembrar os participantes do anonimato e confidencialidade da investigação. Mais, a literatura refere que os resultados acerca da temática infidelidade expressam uma maior validade e compreensão do fenómeno aquando o investigador recolhe ambas respostas dos parceiros (Blow & Hartnett, 2005; Tsapelas et al., 2010). Como tal, a dupla recolha de dados deverá ser feita por forma a complementar ou mostrar diferenças de opiniões relativas ao envolvimento extra-diádico (incluído o real).

Note-se que segundo Wilson et al. (2011), existem poucos estudos que analisem as atitudes face à infidelidade, concretamente acerca da infidelidade emocional. Assim, o presente

estudo superou uma possível limitação, pois que não se limita a estudar uma só natureza do envolvimento extra-diádico. De facto, estudar as atitudes que os indivíduos expressam relativamente à infidelidade global é uma análise mais completa, ao invés de questionar apenas determinadas disposições (Tagler & Jeffers, 2013). O mesmo sucede para o envolvimento real, dado que a questão colocada aos participantes compreende uma visão holística do termo.

No que respeita à contribuição dos diversos fatores explicativos sobre o fenómeno da infidelidade real, esta é explicada pelos Modelos (i.e., IMS-S e IMS) e apenas pela variável habilitações escolares. Contudo, a análise indica que outros determinantes que não abrangemos poderão ser importantes na variância explicada do envolvimento extra-diádico. Por exemplo, o estudo de Rodrigues et al. (2016) mostrou que o envolvimento extra-conjugal estava relacionado com comportamentos sociosexuais irrestritos; também Allen et al. (2005) e Tsapelas et al. (2010) referiram que as disposições face à infidelidade são mais positivas quando os indivíduos experienciaram o envolvimento extra-conjugal; assim como, a existência de um envolvimento extra-conjugal estava relacionado à história passada de infidelidade (Allen et al., 2005).

Por fim, seria interessante explorar mais aprofundadamente o novo indicador de *match* ou *mismatch* que criámos, eventualmente analisando a sua ligação com a empatia. De facto, num estudo de Shimberg, Josephs e Grace (2015), a empatia é concetualizada como a capacidade que o indivíduo expressa para perspetivar holisticamente o outro e tem em linha de conta os seus sentimentos. Estes autores no seu estudo, mostraram que as atitudes positivas face à infidelidade mostraram estar relacionadas à baixa empatia. Quando a empatia foi colocada como variável mediadora, esta por si teve uma capacidade explicativa maior sobre as atitudes face à infidelidade, ao invés das variáveis independentes que utilizaram para explicar as disposições dos indivíduos acerca do envolvimento extra-diádico. De facto, o determinante que explica a diferença entre os indivíduos percecionarem positiva ou negativamente o fenómeno da infidelidade está associado à posição que os indivíduos assumem face aos sentimentos do parceiro (i.e., expressarem um grau elevado ou baixo de empatia). Assim, sugerimos que em estudos futuros a baixa capacidade dos indivíduos relativamente aos sentimentos dos seus parceiros poderá mediar a relação entre cada dimensão *match/mismatch* nas atitudes positivas que os indivíduos expressam face à infidelidade. Associado a esta questão, poder-se-á explorar a mesma relação, no entanto, na explicação da infidelidade objetiva. Concretamente, indivíduos que se envolveram numa relação exterior à sua podem expressar atitudes mais positivas que

presumivelmente serão explicadas pela baixa empatia, dado que para Shimberg et al. (2015) os parceiros com baixa empatia apresentam uma reduzida tendência relativa aos sentimentos dos parceiros, culminando muitas vezes num envolvimento romântico exterior à relação.

Para terminar, a significância prática do presente estudo é relevante para os profissionais clínicos, assim como para os casais em que o fenómeno da infidelidade ocorreu ou tem grande probabilidade de ocorrer. Como tal, os resultados apresentados podem ter impacto na construção de programas que intervenham no fortalecimento do compromisso entre casais (Allen et al., 2005; Rodrigues et al., 2016; Shimberg et al., 2015), assim como na prevenção de possíveis envolvimentos exteriores às suas relações (Rodrigues et al., 2016). De facto, quando o casal apresenta uma avaliação positiva acerca do fenómeno infidelidade, a envolvimento extra-conjugal não deverá ser interpretada como um ato de transgressão para o casal, uma vez que é permitido e aceite no relacionamento. Por outro lado, se ambos os parceiros não partilharem a mesma visão acerca do fenómeno infidelidade, um possível envolvimento extra-diádico poderá ter repercussões na estabilidade da relação (Rodrigues et al., 2011). Assim, os indivíduos ao analisarem os fatores associados ao possível envolvimento extra-diádico, torna-se necessário que ambos os parceiros explorem uma capacidade de entendimento (e.g., acordar um limiar acerca do envolvimento com um parceiro externo; Gordon, Snyder, & Atkins, 2006). Frequentemente, para a minimização de um possível envolvimento extra-conjugal, é relevante que o casal consiga extinguir pensamentos e desejos de um possível envolvimento exterior à relação atual, através da melhor abordagem que o clínico adotar face ao problema em mãos (Allen et al., 2005).

Adicionalmente, os terapeutas podem auxiliar na resolução de conflitos *à posteriori* do real envolvimento, aumentando assim a qualidade do relacionamento (Shaw et al., 2013; Rodrigues et al., 2016).

Referências Bibliográficas

- Aboim, S., & Vasconcelos, P. (2012). *Study on the role of men in gender equality in Portugal. (Estudos e relatórios, 3)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/7741>
- Adams, J. M., & Jones, W. H. (1997). The conceptualization of marital commitment: An integrative analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(5), 1177–1196. doi: 10.1037/0022-3514.72.5.1177
- Adema, W., & Whiteford, P. (2008). Matching Work and Family Commitments: Australian outcomes in a comparative perspective. *Family Matters*, 9(80), 9–16. Disponível em: <https://aifs.gov.au/publications/family-matters/issue-80>
- Agnew, C. C. R. (2009). Commitment, theories and typologies. In H. Reis, & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of Human relationships* (pp. . Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. Disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/psychpubs/28>
- Agnew, C. R., Rusbult, C. E., Van Lange, P. A. M., & Langston, C. A. (1998). Cognitive Interdependence : Commitment and the Mental Representation of Close Relationships
Cognitive Interdependence : Commitment and the Mental Representation of Close Relationships, (August), 939–954. doi: 10.1037//0022-3514.74.4.939
- Ajzen, I., & Cote., N. G. (2013). Attitudes and the Prediction of Behavior. In C. William, & P. Radmilla (Eds.). *Attitudes and Attitude Change* (pp. 289-312). London: Psychology Press.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (2000). Attitudes and the Attitude-Behavior Relation: Reasoned and Automatic Processes. *European Review of Social Psychology*, 11(1), 1–33. doi: 10.1080/14792779943000116
- Allen, E. S., & Atkins, D. C. (2012). The Association of Divorce and Extramarital Sex in a Representative U.S. Sample. *Journal of Family Issues*, 33(11), 1477–1493. doi: 10.1177/0192513X12439692
- Allen, E. S., Atkins, D. C., Baucom, D. H., Snyder, D. K., Gordon, K. C., & Glass, S. P. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), 101–130. doi: 10.1093/clipsy/bpi014
- Allen, N. J., & Meyer, J. P. (1990). The measurement and antecedents of affective, continuance and normative commitment to the organization. *Journal of Occupational Psychology*, 63, 1–18. doi: 10.1111/j.2044-8325.1990.tb00506.x
- Álvarez, B., & Miles, D. (2003). Gender effect on housework allocation: Evidence from Spanish two-earner couples. *Journal of Population Economics*, 16(2), 227–242. doi: 10.1007/s001480200126
- Arriaga, X. ., & Agnew, C. . (2001). Being Committed : Affective , Cognitive , and Conative Components of Relationship Commitment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 1190–1203.
- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding Infidelity: Correlates in

- a National Random Sample. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 735–749. doi: 10.1037/0893-3200.15.4.735
- Barnett, R. C., & Hyde, J. S. (2001). Women, men, work, and family. *American Psychologist*, 56(10), 781–796. doi: 10.1037//0003-066X.56.10.781
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339–360. doi: 10.1177/0265407505052440
- Baucom, D. H., Gordon, K. C., Snyder, D. K., Atkins, D. C., & Christensen, A. (2006). Treating Affair Couples: Clinical Considerations and Initial Findings. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 20(4), 375–393. doi: 10.1891/jcpiq-v20i4a004
- Berg, P., Kalleberg, A. L., & Appelbaum, E. (2003). Balancing work and family: The role of high-commitment environments. *Industrial Relations*, 42(2), 168–189. doi: 10.1111/1468-232X.00286
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217–233. doi: 10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x
- Busch, C. (1998). As mulheres têm muito para oferecer. In M. D. D. Guerreiro (Ed.), *Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades* (pp. 99–108). Lisboa: CIES-ISCTE.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to Infidelity in the First Year of Marriage. *Journal of Research in Personality*, 31(2), 193–221. doi: 10.1006/jrpe.1997.2175
- Buunk, B. (1984). Jealousy as related to attributions for the partner's behavior. *Social Psychology Quarterly*, 47(1), 107–112. doi: 10.2307/3033894
- Buunk, B. P., & Dijkstra, P. (2004). Gender differences in rival characteristics that evoke jealousy in response to emotional versus sexual infidelity. *Personal Relationships*, 11(4), 395–408. doi: 10.1111/j.1475-6811.2004.00089.x
- Champoux, J. E. (1981). A sociological perspective on work involvement. *Internacional Review of Applied Psychology*, 30(1), 65–86. doi: 10.1111/j.1464-0597.1981.tb00980.x
- Chinchilla, N., Las Heras, M., & Torres, E. (2009). Work-Family Balance: A Global Challenge. In N. Chinchilla, M. Las Heras, & A. D. Masuda (Eds.). *Balancing Work and Family. A Practical Guide to Help Organizations Meet the Global Workforce Challenge* (pp. 7-21). MA: HRD Press,
- Chusmir, L. H. (1982). Job Commitment and the Organizational Woman. *Academy of Management Review*, 7(4), 595–602. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/257226>
- Clark, S. C. (2000). *Work/Family Border Theory: A New Theory of Work/Family Balance*. *Human Relations*, 53(6), 747-770. doi: 10.1177/0018726700536001
- Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631–652. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163459h
- Crompton, R., Lewis, S., & Lyonette, C. (2007). *Women, men, work and family in Europe*. Basingstoke: Palgrave Macmillan. doi: 10.1057/9780230800830
- Cunha, R. (1998). Políticas para Conciliação Trabalho-Família. In M. D. D. Guerreiro (Ed.),

- Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades* (pp. 23–26). Lisboa: CIES-ISCTE.
- Dam, K. Van. (2005). Employee attitudes toward job changes: An application and extension of Rusbult and Farrell's investment model. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 78(2), 253–272. doi: 10.1348/096317904X23745
- DeMaris, A. (2009). Distal and Proximal Influences on the Risk of Extramarital Sex: A Prospective Study of Longer Duration Marriages. *Journal of Sex Research*, 46(6), 597–607. doi: 10.1080/00224490902915993
- Doorne-Huiskes, A. (1998). Empresas "Amigas da Família". Uma comparação internacional. In M. D. D. Guerreiro (Ed.), *Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades* (pp. 65-74). Lisboa: CIES-ISCTE.
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177–180. doi: 10.1111/1467-8721.00143
- Drigotas, S. M., Rusbult, C. E., & Verette, J. (1999a). Level of commitment, mutuality of commitment, and couple well-being. *Personal Relationships*, 6, 389–409. doi: 10.1111/j.1475-6811.1999.tb00199.x
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999b). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509–524. doi: 10.1037/0022-3514.77.3.509
- Dulk, L. Den, & Peper, B. (2007). Working parents' use of work-life policies. *Sociologias, Problemas E Práticas*, 53, 51–70. Disponível em: <http://media.leidenuniv.nl/legacy/17-05-10-paper-bram-peper.pdf>
- Dwyer, D. (2000). *Interpersonal relationships*. London, UK: Routledge.
- Eby, L. T., Casper, W. J., Lockwood, A., Bordeaux, C., & Brinley, A. (2005). Work and family research in IO/OB: Content analysis and review of the literature (1980-2002). *Journal of Vocational Behavior*, 66(1), 124–197. doi: 10.1016/j.jvb.2003.11.003
- Elizur, D. (1991). Work and nonwork relations: The conical structure of work and home life relationship. *Journal of Organizational Behavior*, 12(4), 313–322. doi: 10.1002/job.4030120406
- Eurostat. (2016). *Eurostat Regional Yearbook 2016*. Luxembourg: Publications office of the European Union. doi: 10.2785/29084
- Farrell, D., & Rusbult, C. E. (1981). Exchange variables as predictors of job satisfaction, job commitment, and turnover: The impact of rewards, costs, alternatives, and investments. *Organizational Behavior and Human Performance*, 28(1), 78–95. doi: 10.1016/0030-5073(81)90016-7
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Your cheatin' heart: Attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9(3), 227–252. doi: 10.1207/s15327795jra0903_1
- Fife, S. T., Weeks, G. R., & Gambescia, N. (2008). Treating Infidelity: An Integrative Approach. *The Family Journal*, 16(4), 316–323. doi: 10.1177/1066480708323205

- Floyd, K. (2011). *Interpersonal communication: The Whole Story (2ª edição)*. New York: McGraw-Hill.
- Fontaine, A. M., Andrade, C., Matias, M., Gato, J., & Mendonça, M. (2007). Gender mainstreaming and family policy in Europe: perspectives, researches and debates. In I. Crespi (Ed.), *Family and work division in Portuguese dual earner families* (pp. 167–198). Macerata: eum.
- Fornes, S. L., Rocco, T. S., & Wollard, K. K. (2008). Workplace Commitment: A Conceptual Model Developed From Integrative Review of the Research. *Human Resource Development Review*, 7(3), 339–357. doi: 10.1177/1534484308318760
- Friedman, D. E. (2001). Employer supports for parents with young children. *Future of Children: Caring for Infants and Toddlers*, 11(1), 63–77. doi: 10.2307/1602810
- Frone, M. R. (2003). Work-family balance. In L. E. Quick, J. C. & Tetrick (Ed.), *Handbook of occupational health psychology*. (pp. 143–162). Washington, DC: American Psychological Association.
- Gareis, K. C., Barnett, R. C., & Brennan, R. T. (2003). Individual and Crossover Effects of Work Schedule Fit: A Within-Couple Analysis. *Journal of Marriage and Family*, 65(4), 1041–1054. doi: 10.1111/j.1741-3737.2003.01041.x
- Gerson, K. (2009). Changing lives, resistant institutions: A new generation negotiates gender, work, and family change. *Sociological Forum*, 24(4), 735–753. doi: 10.1111/j.1573-7861.2009.01134.x
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9–10), 1101–1120. doi: 10.1007/BF00288108
- Greenhaus, J. H., & Singh, R. (2004). Work-Family Relationships. In C. D. Spielberger (Ed.), *Encyclopedia of applied psychology* (pp. 1–29). San Diego, CA: Elsevier.
- Guerreiro, M. D. (1998). A Conciliação entre Trabalho e Vida Familiar em Portugal. In M. D. D. Guerreiro (Ed.), *Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades* (pp. 33-38). Lisboa: CIES-ISCTE.
- Guerreiro, M. D., & Carvalho, H. (2007). O Stress na Relação Trabalho-Família: uma análise comparativa. In K. Wall., & L. Amândio (Eds.), *Família e Género em Portugal e na Europa* (pp. 129-179). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Hein, C. (2005). *Reconciling work and family responsibilities. Practical ideas from global experience*. Geneva: ILO.
- Hoog, K. (1998). Famílias e Trabalho. In M. D. D. Guerreiro (Ed.), *Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades* (pp. 267–280). Lisboa: CIES-ISCTE.
- Jackman, M. (2015). Understanding the Cheating Heart: What Determines Infidelity Intentions? *Sexuality and Culture*, 19(1), 72–84. doi: 10.1007/s12119-014-9248-z
- Johnson, M. P., Caughlin, J. P., & Huston, T. L. (1999). The tripartite nature of marital commitment: Personal, moral, and structural reasons to stay married. *Journal of Marriage and the Family*, 61(1), 160-177. doi: 10.2307/353891
- Kabanoff, B. (1980). Work and nonwork: A review of models, methods, and findings.

- Psychological Bulletin*, 88(1), 60–77. doi: 10.1037/0033-2909.88.1.60
- Kelley, H. H., & Thibaut, J.W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. NY: John Wiley
- Kossek, E. E., & Ozeki, C. (1999). Bridging the work-family policy and productivity gap: A literature review. *Community, Work & Family*, 2(1), 7–32. doi: 10.1080/13668809908414247
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 10(1), 37–57. doi: 10.1111/1475-6811.00035
- Leite, R. M. O. (2006). *O empenhamento dos indivíduos nas organizações e nas profissões : uma avaliação dos efeitos das atividades extra-laborais*. Dissertação de Doutorado em Ciência Empresariais. Braga: Universidade do Minho.
- Levinger, G. (1980). Toward the analysis of close relationships. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(6), 510-544. doi:10.1016/0022-1031(80)90056-6
- Lopes, D. (in press). *Validação da escala do modelo do investimento adaptada às organizações*.
- Luo, S., Cartun, M. A., & Snider, A. G. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49(3), 155–163. doi: 10.1016/j.paid.2010.03.033
- Maciel, D., Marques, C., & Torres, A. (2009), "Trabalho, família e género: articulando dimensões centrais da vida dos indivíduos", ["Work, family and gender:articulating key dimensions of people's lives"], in Actas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Braga, Universidade do Minho.
- Mark, K. P., Janssen, E., & Milhausen, R. R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: Demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971–982. doi: 10.1007/s10508-011-9771-z
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F. M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2016). Infidelity in Dating Relationships: Gender-Specific Correlates of Face-to-Face and Online Extradyadic Involvement. *Archives of Sexual Behavior*, 45(1), 193–205. doi: 10.1007/s10508-015-0576-3
- Martins, A., Pereira, M., & Canavarro, M. C. (2014). Comportamentos extra-diádicos nas relações de namoro: Diferenças de sexo na prevalência e correlatos. *Análise Psicológica*, 32(1), 45–62. doi: 10.14417/ap.740
- Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy Faithfulness: Relationship Quality, Religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an Adult Sample. *Journal of Family Issues*, 31(11), 1465–1480. doi: 10.1177/0192513X10362348
- McAlister, A. R., Pachana, N., & Jackson, C. J. (2005). Predictors of Young Dating Adults' Inclination to Engage in Extradyadic Sexual Activities: A Multi-Perspective Study. *British Journal of Psychology*, 96(3), 331–350. doi: 10.1348/000712605x47936
- McAnulty, R. D., & Brineman, J. M. (2007). Infidelity in Dating Relationships. *Annual Review of Sex Research*, 18(June 2015), 94–114. doi: 10.1080/10532528.2007.10559848
- Moen, P., & Sweet, S. (2004). From “work–family” to “flexible careers.” *Community, Work &*

- Family*, 7(2), 209–226. doi: 10.1080/1366880042000245489
- Neves, J. G., Garrido, M. V., & Simões, E. (2015). *Manual de Competências Pessoais, Interpessoais e Instrumentais: teoria e prática* (3ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Noor, N. M. (2003). Work- and family-related variables, work–family conflict and women’s well-being: some observations, *6*(3), 37–41. doi: 10.1080/1366880032000143474
- Nordeninark, M. (2002). Multiple Social Roles — a Resource or a Burden: Is it Possible for Men and Women to Combine Paid Work with Family Life in a Satisfactory Way? *Gender, Work & Organization*, 9(2), 125–145. doi: 10.1111/1468-0432.00152
- Núncio, M. (2008). *Mulheres em dupla jornada. A conciliação entre o trabalho e a família*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Olson, M. A., & Kendrick, R.V. (20013). In C. William, & P. Radmila (Eds.). *Attitudes and Attitude Change* (pp. 111-130). London: Psychology Press.
- O’Reilly, C. A., & Chatman, J. (1986). Organizational commitment and psychological attachment: The effects of compliance, identification, and internalization on prosocial behavior. *Journal of Applied Psychology*, 71(3), 492–499. doi: 10.1037/0021-9010.71.3.492
- Orthner, D. K., & Pittman, J. F. (1986). Family Contributions to Work Commitment. *Journal of Marriage and Family*, 48(3), 573–581. doi: 10.2307/352043
- Pereira, M., M., A., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2017). *Attitudes toward infidelity in romantic relationships: Psychometric properties of the Attitudes toward Infidelity Scale and its relation to face-to-face and online extradyadic involvement*. Manuscript in preparation.
- Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., Perista, P., & Quintal, E. (2016). *Os Usos do Tempo de Homens e de Mulheres em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos para a Intervenção Social.
- Perry-Jenkins, M., Repetti, R. L., & Crouter, A. C. (2000). Work and Family in the 1990s. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 981–998. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00981.x
- Pitt-Catsouphe, M., Kossek, E. E., & Sweet, S. (2006). Charting new territory: Advancing multi-disciplinary perspectives, methods, and approaches in the study of work and family. In M. Pitt-Catsouphe, E. E. Kossek, & S. Sweet (Eds.), *The work and family handbook: Multidisciplinary perspectives, methods, and approaches* (pp. 1-16). Mahwa, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Prins, K. S., Buunk, B. P., & Vanperen, N. W. (1993). Equity, Normative Disapproval and Extramarital Relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10(1), 39–53. doi: 10.1177/0265407593101003
- Raley, S. B., Mattingly, M. J., & Bianchi, S. M. (2006). How dual are dual-income couples? Documenting change from 1970 to 2001. *Journal of Marriage and Family*, 68(1), 11–28. doi: 10.1111/j.1741-3737.2006.00230.x
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2013). The Investment Model Scale (IMS): Further studies on construct validation and development of a shorter version (IMS-S). *Journal of General Psychology*, 140(1), 16–28. doi:10.1080/00221309.2012.710276
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2016). Sociosexuality, Commitment, and Sexual Desire for an

- Attractive Person. *Archives of Sexual Behavior*, 1–14. doi: 10.1007/s10508-016-0814-3
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Oliveira, J. (2011). O Modelo do Investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind_Português*, 2, 1-11
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2016). Sociosexuality, commitment, sexual infidelity and perceptions of infidelity: Data from the Second Love website. *Journal of Sex Research Online First*. doi:10.1080/00224499.2016.1145182.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. doi: 10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101–117. doi: 10.1037/0022-3514.45.1.101
- Rusbult, C. E., Agnew, C. R., & Arriaga, X. B. (2011). The investment model of commitment processes. *Department of Psychological Sciences Faculty Publications*, 26, 1–33. doi: 10.4135/9781446249222.n37
- Rusbult, C. E., Agnew, C. R., & Arriaga, X. B. (2012). The investment model of commitment processes. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 218–232). London, UK: Sage.
- Rusbult, C. E., & Buunk, B. P. (1993). Commitment processes in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10(2), 175–204. doi: 10.1177/026540759301000202
- Rusbult, C. E., & Farrell, D. (1983). A longitudinal test of the investment model: The impact on job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in rewards, costs, alternatives, and investments. *Journal of Applied Psychology*, 68(3), 429–438. doi: 10.1037/0021-9010.68.3.429
- Rusbult, C. E., Johnson, D. J., & Morrow, G. D. (1986). Predicting Satisfaction and Commitment in Adult Romantic Involvements: An Assessment of the Generalizability of the Investment Model. *Social Psychology Quarterly*, 49(1), 81-89. doi: 10.2307/2786859
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357–387. doi: 10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Rusbult, C. E., Olsen, N., Davis, J. L., & Hannon, M. A. (2001). Commitment and Relationship Maintenance Mechanisms. In J. H. Harvey & W. Amy (Eds.), *Close Romantic Relationships: Key readings* (pp. 87–113). London: Routledge.
- Rusbult, C., & Lowery, D. (1985). When Bureaucrats Get the Blues: Responses to Dissatisfaction Among Federal Employees. *Journal of Applied Social Psychology*, 15(1), 80–103. doi: 10.1111/j.1559-1816.1985.tb00895.x
- Sabino, A. M. F. P. N. (2011). *O comprometimento organizacional como determinante da voz - Um estudo de mediação e moderação*. dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Humanos. Lisboa: ISCTE-IUL.

- Schwarz, N. (2013). Attitude Measurement. In C. Williams, & P. Radmilla (Eds.). *Attitudes and Attitude Change* (pp. 41-60). London: Psychology Press.
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Cues to Infidelity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(10), 1034–1045. doi: 10.1177/01461672972310004
- Shaw, A. M. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Predictors of Extradyadic Sexual Involvement in Unmarried Opposite-Sex Relationships. *Journal of Sex Research*, 50(6), 598–610. doi: 10.1080/00224499.2012.666816
- Shimberg, J., Josephs, L., & Grace, L. (2015). Empathy as a Mediator of Attitudes Toward Infidelity Among College Students. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 42(4), 353–368. doi: 10.1080/0092623X.2015.1053019
- Sias, P. M. (2009). *Organizing Relationships: Traditional and Emerging Perspectives on Workplace Relationships*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Somech, A., & Drach-Zahavy, A. (2007). Strategies for coping with work-family conflict: the distinctive relationships of gender role ideology. *Journal of Occupational Health Psychology*, 12(1), 1–19. doi: 10.1037/1076-8998.12.1.1
- Staines, G. L. (1980). Spillover vs compensation: a review of the literature on the relationship between work and nonwork. *Human Relations*, 33(2), 111–129. doi: 10.1177/001872678003300203
- Stevens, J. M., Beyer, J. M., & Trice, H. M. (1978). Assessing Personal, Role, and Organizational Predictors of Managerial Commitment. *Journal Academy of Management*, 21(3), 380–396. doi: 10.2307/255721
- Surra, C. A., Hughes, D. K., & Jacquet, S. E. (1999). The development of commitment to marriage: A phenomenological approach. In W. H. Jones & J. Adams (Eds.), *Handbook of interpersonal commitment and relationship stability* (pp. 125-148). Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publisher
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2014). *Using multivariate statistics* (6ª edição). Harlow: Pearson.
- Tagler, M. J., & Jeffers, H. M. (2013). Sex differences in attitudes toward partner infidelity. *Evolutionary Psychology*, 11(4), 821–832. doi: 10.1177/147470491301100407
- Tenbrunsel, A. E., Brett, J. M., Maoz, E., Stroh, L. K., & Reilly, A. H. (1995). Dynamic and static work-family relationship. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 63(3), 233–246. doi: 10.1006/obhd.1995.1076
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The Social Psychology of Groups*. American Sociological Review. New York: Wiley.
- Thompson, A. P. (1983). Extramarital sex: A review of the research literature. *The Journal of Sex Research*, 19(1), 1–22. doi: 10.1080/00224498309551166
- Torres, A. C. (2004). *Vida Conjugal e Trabalho: Uma Perspectiva Sociológica*. Oeiras: Celta.
- Torres, C., Vieira, F., Monteiro, T., & Cabrita, M. (2005). *Homens e Mulheres entre famílias e trabalho*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual Infidelity among Married and Cohabiting Americans.

- Journal of Marriage and the Family*, 62(1), 48–60. doi: 10.1111/j.17413737.2000.00048.x
- Tsapelas, I., Fisher, H., & Aron, A. (2010). Infidelity: when, where, why. In W. Cupach & B. Spitzberg (Eds.), *The dark side of close relationships II* (pp. 175–196). New York, NY: Routledge.
- Uthaug, M. V. (2016). *The Relationship Between Narcissistic Traits and Attitude Towards Infidelit*. PhD Dissertation in Psychology. New York: State University.
- Vanderdrift, L. E., Agnew, C. R., & Wilson, J. E. (2009). Nonmarital romantic relationship commitment and leave behavior: the mediating role of dissolution consideration. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(9), 1220–1232. doi: 10.1177/0146167209337543
- Vieira, J. M., Lopez, F. G., & Matos, P. M. (2014). Further Validation of Work-Family Conflict and Work-Family Enrichment Scales Among Portuguese Working Parents. *Journal of Career Assessment*, 22(2), 329–344. doi: 10.1177/1069072713493987
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, S., Correia, S. ., & Ros, R. (2016). *Policy Brief III - Principais conclusões e recomendações do Livro Branco Homens e Igualdade de Género em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da universidade de Lisboa/Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Whatley, M., (2006). *Attitude towards infidelity scale*. Valdosta state University.
- Whetten, D. A. (1989). What Constitutes a Theoretical Contribution? *Journal Academy of Management Review*, 14(4), 490–495. doi: 10.5465/AMR.1989.4308371
- White, G. L. (1981). Jealousy and Partner's Perceived Motives for Attraction to a Rival. *Social Psychology Quarterly*, 44(1), 24. doi: 10.2307/3033859
- Wiederman, M. ., & Allgeier, E. R. (1996). Extramarital Sex Among Young Married Individuals. *Journal of Psychology and Attributions Regarding*, 8(3), 21-35. doi: 10.1300/J056v08n03
- Wilson, K., Mattingly, B. a, Clark, E. M., Weidler, D. J., & Bequette, A. W. (2011). The gray area: exploring attitudes toward infidelity and the development of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *The Journal of Social Psychology*, 151(1), 63–86. doi: 10.1080/00224540903366750
- Winslow, S. (2005). Work-Family Conflict, Gender, and Parenthood, 1977-1997. *Journal of Family Issues*, 26(6), 727–755. doi: 10.1177/0192513X05277522

Anexos

Anexo A – Questões relativas às características Sociodemográficas

Qual é o seu sexo?

- Feminino
- Masculino
- Transexual

Qual a sua orientação sexual (Se escolher a opção "Outra", por favor especifique qual.

- Homossexual
- Bissexual
- Heterossexual
- Outra. Qual?

Que idade tem?

Quais as suas habilitações escolares? Por favor assinale o grau mais elevado que completou ou frequentou (Se escolher a opção "Outra", por favor especifique qual)

- Ensino Primário ou 1º Ciclo
- Ensino Preparatório ou 2º Ciclo
- Ensino Unificado ou 3º Ciclo
- Ensino Secundário
- Bacharelato/Licenciatura
- Mestrado/Doutoramento
- Outro

Diga-nos, agora, qual é o seu estado civil.

- Solteiro/a sem relação
- Solteiro/a numa relação
- Solteiro/a em união de facto
- Casado/a
- Viúvo/a
- Divorciado/a

Qual a duração da sua relação? (por favor especifique "xx anos e xx meses")

Qual é a sua situação perante o trabalho?

- Emprego permanente
- Emprego temporário
- Trabalhador/a Estudante
- Estudante
- Desempregado/a
- Reformado/a
- Doméstico/a

No caso de se encontrar a trabalhar, em qual das seguintes categorias está incluída a sua profissão? (pode escolher mais do que uma opção. Se escolher a opção "Outra", por favor especifique qual)

- Profissional das Forças Armadas
- Representante do poder legislativo e dos órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos
- Especialistas das actividades intelectuais e científicas
- Técnicos/as e profissões de nível intermédio
- Pessoal administrativo
- Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores
- Agricultores/as e trabalhadores/as qualificados/as da agricultura, pesca e da floresta
- Trabalhadores/as qualificados/as da indústria, construção e artífices
- Operadores/as de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem
- Trabalhadores/as não qualificados/as
- Outro/a. Qual?

Há quanto tempo trabalha na sua empresa ou instituição? (por favor especifique, se puder, anos e meses)

O cargo que ocupa na empresa ou instituição na qual trabalha atualmente inclui funções de chefia

- Sim
- Não

O seu companheiro/a actual trabalha na mesma empresa ou instituição na qual se encontra empregado/a?

- Sim
- Não

Qual a situação do seu/sua companheiro/a na empresa ou instituição na qual se encontra empregado? (pode escolher várias alternativas de resposta)

- Trabalha num departamento diferente do meu
- Trabalha no mesmo departamento em que eu trabalho
- Trabalha no mesmo local físico em que eu trabalho
- Trabalha num local físico diferente do meu
- Possui um regime contratual semelhante ao meu
- Possui um regime contratual diferente do meu
- É o meu/minha chefe
- É meu/minha subordinado/a

Vive com o/a seu/suas companheiro/a)

- Sim
- Não

Se vive com o/a seu/sua companheiro/a, diga-nos agora:

- Vivo com o/a meu/minha companheiro/a esporadicamente
- Vivo com o/a meu/minha companheiro/a permanentemente

Tem filhos?

- Sim
- Não

Indique a sua Nacionalidade

E qual a sua Área habitual de residência?

- Norte
- Centro
- Sul
- Área Metropolitana de Lisboa
- Área Metropolitana do Porto
- Arquipélago dos Açores ou Madeira
- Estrangeiro

Anexo B – Escala do Modelo do Investimento de Rusbult nas Relações (IMS-S)

Se não tiver nenhuma relação amorosa actualmente, pense na sua última relação amorosa e responda às questões que lhe apresentamos.

	Discordo totalmente						Concordo totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
Sinto-me satisfeito com o meu relacionamento	<input type="radio"/>						
O meu relacionamento está próximo do que eu considero ser ideal para mim	<input type="radio"/>						
O meu relacionamento faz-me muito feliz	<input type="radio"/>						
Outras pessoas com quem poderia envolver-me (que não o meu parceiro) são muito apelativas	<input type="radio"/>						
As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)	<input type="radio"/>						
As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento alternativo	<input type="radio"/>						
Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse	<input type="radio"/>						
Vários aspectos da minha vida encontram-se ligados ao meu parceiro (actividades recreativas, etc.), e eu perderia tudo isso caso o meu relacionamento terminasse	<input type="radio"/>						
Sinto-me muito envolvido no meu relacionamento, uma vez que fiz grandes investimentos nele	<input type="radio"/>						
Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo	<input type="radio"/>						
Estou comprometido a manter o meu relacionamento com o meu parceiro	<input type="radio"/>						
Desejo que o meu relacionamento dure para sempre	<input type="radio"/>						
Estou motivado para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu parceiro daqui a vários anos)	<input type="radio"/>						

Anexo C – Escala do Modelo do Investimento de Rusbult no Trabalho (IMS)

Gostaríamos, agora que pensasse em eventuais alternativas ao seu trabalho actual. Com "alternativas" pretendemos dizer eventuais propostas de emprego que possa estar a considerar e que o levariam a deixar o seu trabalho actual. Se não possui este tipo de alternativas neste momento, por favor pense como se as tivesse. Dê-nos, agora, a sua resposta relativamente às questões que lhe apresentamos de seguida

Tomando tudo em consideração, em que medida as alternativas ao seu emprego actual são boas ou más?

Muito más Muito boas

De uma forma geral, em que medida as alternativas ao seu emprego actual são comparáveis com o trabalho que exerce agora?

As alternativas são piores do que o meu trabalho actual As alternativas são melhores do que o meu trabalho actual

Em que medida as alternativas ao seu emprego actual correspondem ao seu emprego ideal?

As alternativas não correspondem nada ao meu emprego ideal As alternativas correspondem totalmente ao meu emprego ideal

De seguida, gostaríamos que pensasse nos investimentos que fez e faz no seu trabalho actual. Com "investimentos" pretendemos dizer tempo, educação, formação, esforços pessoais, etc., que investiu no seu trabalho actual. Dê-nos, agora, a sua resposta relativamente às questões que lhe apresentamos de seguida

De uma forma geral, quanto investiu no seu presente trabalho?

Nada Muito

Tomando tudo em consideração, em que medida considera que existem actividades, pessoas, eventos, bens associados ao seu trabalho que perderia se saísse deste emprego?

Perderia pouco Perderia muito

Como compara o investimento que faz no seu trabalho com o investimento que a maioria das pessoas que conhece fazem no trabalho delas?

Acho que investi menos do que a maioria das pessoas Acho que investi mais do que a maioria das pessoas

Vamos agora colocar-lhe algumas questões acerca da forma como se encontra satisfeito com o seu trabalho. Por favor responda às questões que lhe colocamos de seguida.

Tomando tudo em consideração, em que medida se encontra satisfeito com o seu trabalho actual?

Nada satisfeito Muito satisfeito

De uma forma geral, em que medida gosta do seu trabalho actual?

Não gosto nada Gosto muito

Sabendo o que sabe hoje, se tivesse que decidir quanto a aceitar o trabalho que tem neste momento, o que decidiria?

Nunca ficaria com este trabalho Ficaria com este trabalho sem hesitar

Se um amigo(a) seu lhe dissesse que estaria interessado em empregar-se num trabalho semelhante ao seu, na mesma instituição ou empresa, o que lhe diria?

Diria para procurar outro sítio para se empregar Diria para se empregar na minha instituição ou empresa

Em que medida o seu trabalho actual se compara ao trabalho que idealmente gostaria de ter?

Está longe de ser o trabalho que idealmente gostaria de ter Está muito próximo de ser o trabalho que idealmente gostaria de ter

Em que medida o seu trabalho actual cumpre as expectativas do trabalho que desejava quando o aceitou?

Não é nada o tipo de trabalho que desejava É totalmente o tipo de trabalho que desejava

De seguida, dê-nos a sua resposta relativamente às questões que lhe colocamos.

Por quanto tempo deseja ficar neste seu trabalho actual?

Por um período curto de tempo Por um período longo de tempo

Com que probabilidade acha que vai deixar este seu trabalho actual?

Com uma baixa probabilidade Com uma elevada probabilidade

Qual o seu grau de compromisso relativamente a este seu trabalho actual?

Um compromisso muito baixo Um compromisso muito elevado

Em que medida se sente vinculado a este seu trabalho actual?

Não me sinto nada vinculado Sinto-me muito vinculado

Anexo D – Escala das Atitudes Face à Infidelidade (ATIS)

Gostaríamos, agora, compreender melhor o que as pessoas pensam e sentem sobre questões relacionadas com a infidelidade. Para tal apresentamos um conjunto de afirmações face às quais lhe pedimos que nos diga se concorda ou discorda. Não existem respostas certas ou erradas para qualquer das afirmações seguintes; estamos apenas interessados nas suas reacções e opiniões honestas. Por favor, leia atentamente cada afirmação e responda usando a escala de resposta que é apresentada.

	Discordo totalmente 1	2	3	4	5	6	Concordo totalmente 7
Ser infiel nunca fez mal a ninguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A infidelidade numa relação amorosa é motivo para separação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A infidelidade é aceitável como forma de retaliação à infidelidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É natural as pessoas serem infiéis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comportamentos online (por exemplo, conversas online, ver sites pornográficos) são um acto de infidelidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A infidelidade é moralmente errada em qualquer circunstância, independentemente da situação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ser infiel numa relação é uma das coisas mais indecentes que uma pessoa pode fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se duas pessoas estão juntas, a infidelidade é inaceitável em qualquer circunstância	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu não me importaria se o/a meu/minha parceiro/a tivesse um caso, desde que eu não soubesse	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Seria aceitável para mim ter um caso, mas não aceitaria que o/a meu/minha parceiro/a tivesse um	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu teria um caso se soubesse que o/a meu/minha parceiro/a nunca iria descobrir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se eu soubesse que o/a meu/minha parceiro/a me era infiel, eu confrontá-lo/a-ia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo E - Estatísticas Descritivas da Recodificação do Indicador

Categorias do Indicador	Satisfação	Qualidades das Alternativas	Tamanho do Investimento	Compromisso
	<i>f</i> (%)	<i>f</i> (%)	<i>f</i> (%)	<i>f</i> (%)
Trabalho	33 (12.1)	137 (50.2)	96 (35.2)	18 (6.6)
Equilíbrio	8 (2.9)	11 (4.0)	9 (3.3)	23 (8.4)
Relações	124 (45.4)	19 (7.0)	61 (22.3)	122 (44.7)

Anexo F- Análise de Variância para as Atitudes Face à Infidelidade em função das categorias do novo indicador

Dimensões <i>Match/Mismatch</i>	Categorias do Indicador	Post-Hoc Tests			<i>M</i>	<i>DP</i>	ΔF	<i>gl</i>
		Trabalho	Equilíbrio	Relações				
		<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>				
Satisfação	Trabalho	-	.67	.19	2.07	.83		
	Equilíbrio	.67	-	1.00	1.83	.86		
	Relações	.19	1.00	-	1.82	.65	1.54	2, 161
Qualidades das Alternativas	Trabalho	-	.95	.01	1.83 ^a	.68		
	Equilíbrio	.95	-	.10	1.76	.39		
	Relações	.01	.10	-	2.31 ^a	.87	4.09*	2, 163
Tamanho do investimento	Trabalho	-	.97	.84	1.89	.75		
	Equilíbrio	.97	-	.89	1.94	.53		
	Relações	.84	.89	-	1.83	.66	.194	2, 162
Compromisso	Trabalho	-	.09	.37	2.11	.85		
	Equilíbrio	.09	-	.35	1.65	.61		
	Relações	.37	.35	-	1.87	.69	2.17	2, 159

Nota: a: diferença de médias entre o domínio do trabalho e o domínio das relações na dimensão *match/mismatch* das Qualidades das Alternativas.
* $p < .05$